



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. **Carta do Reitor-Mor**
Todos empenhados para o Capítulo Especial — Os dois polos da renovação — Volta às fontes — Conhecer Dom Bosco: dever essencial — Abrir-se aos sinais dos tempos — Os extremismos não são construtivos — Estudo e experiência, forças complementares — Uma osmose fecunda na caridade — “Atendamo-nos reciprocamente” — Evitar modos contraproducentes — Amar e compreender a Congregação para renová-la — Todo esforço será vão sem uma verdadeira “conversão” — A nossa empresa tem necessidade de uma alma — Unidos a Dom Bosco com o coração de nossos primeiros irmãos.
- II. **Capítulo geral especial**
A preparação do primeiro Capítulo Inspetorial Especial — As Comissões pre-capitulares centrais.
- III. **Disposições e normas**
Norma para o prazo das sagradas ordens — Estudantes de filosofia no P. A. S.
- IV. **Comunicações**
Prorrogação dos votos temporâneos por um terceiro triênio — Nomeação de Bispo — Nomeação de Inspectores.
- V. **Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral**
- VI. **Documentos**
Prorrogação dos votos temporâneos por um triênio — Carta do Reitor-Mor a fim de apresentar as conclusões do Redimensionamento.
- VII. **Magistério pontifício**
Estar no mundo, mas não ser do mundo — O difícil relacionamento jovens-adultos, hoje — A missão dos jovens no mundo de hoje — Sofrer e amar com a Igreja — Apêlo à unidade interior da Igreja.
- VIII. **Necrologia** (2.º elenco de 1969)

I. CARTA DO REITOR MAIOR

Turim, maio de 1969

Irmãos e filhos caríssimos,

com satisfação entretenho-me convosco sôbre o acontecimento que, com razão, ocupa neste momento o centro dos nossos pensamentos e polariza a atividade e o interêsse da Congregação em todos os seus membros, um acontecimento que é o centro das esperanças comuns, embora talvez matizadas, não nos admiremos, por certa ansiedade. Compreendestes logo que me refiro ao nosso Capítulo Geral Especial e a todo o trabalho de preparação que a êle se liga.

Estamos todos convencidos de que se trata de um acontecimento que transcende muitíssimo a vida ordinária da Congregação. Basta pensar que é um fato excepcional, único, não só na história de nossa Congregação, mas de tôdas as famílias religiosas. Não é, pois, nada hiperbólico afirmar que a êste Capítulo (e à sua adequada preparação), está ligada a própria vida da Congregação no próximo futuro assim como a sua vital incidência na Igreja e no mundo, no sulco que a Providência nos indicou; podemos afirmar tranquilamente que se trata de um acontecimento histórico, ou melhor, de um encontro único, diria decisivo, para o qual a Igreja convida a Congregação: toca a todos nós fazer de modo que o encontro não falhe.

Estais lembrados das palavras que Paulo VI dirigiu aos membros do XIX Capítulo Geral? Êle, depois de ter afirmado que “os Salesianos representam um dos fatos mais no-

táveis, mais benéficos, mais exemplares, mais promissores do Catolicismo no século XIX e no nosso”, acrescentou textualmente: “E queira Deus que assim seja nos séculos futuros”.

Pois bem, as palavras do Sumo Pontífice são um augúrio, é verdade, mas contêm uma advertência que nos deve levar à reflexão.

O Capítulo Especial, em tórno do qual todos trabalhamos, deverá justamente fazer de modo que o alto elogio do Pontífice e da Igreja aos Salesianos do primeiro século seja ainda bem merecido pelos Salesianos dos novos tempos.

Não vos admireis, portanto, se ainda vos falo dêsse argumento, mesmo porque, atendendo à vontade da Igreja Conciliar, cada um de nós é chamado, segundo suas possibilidades, a dar a sua corresponsável contribuição para o feliz êxito desta extraordinária empresa.

Todos empenhados para o Capítulo Especial

Graças a Deus, das notícias que chegam até aqui se deduz que em tôdas as Inspetorias há um confortador empenho na preparação do 1.º Capítulo Inspetorial Especial. Isto indica que existe a consciência geral de que o sucesso do Capítulo Especial está ligado em grande parte à participação ativa de todos os Irmãos nas fases de estudo e preparação.

Desta consciência foi animado e inspirado o trabalho, desenvolvido com cuidado e método, primeiro no nível das comunidades e em seguida nas Comissões preparatórias, com uma obra de sensibilização progressiva, com oportuna documentação, com relatórios e estudos de Irmãos especializados.

Notícias mais amplas, a respeito da preparação do Capítulo Geral podem ser encontradas em uma “rubrica” especial, sob a responsabilidade da Comissão Central de Coordenação que vai aparecer regularmente nos “Atos do C.S.”.

Neste momento, não posso deixar de agradecer aos Capítulos Inspetoriais que, durante os seus trabalhos, quise-

ram exprimir a mim e aos Superiores o seu afeto filial e principalmente o sentimento unânime de amor e fidelidade a Dom Bosco.

Tudo me faz esperar que os esquemas que serão enviados pelos Capítulos Inspetoriais constituirão uma base muito rica e significativa para as etapas seguintes que teremos ainda que percorrer antes do Capítulo Geral Especial.

Estamos todos de acôrdo que “a operação” que devemos realizar é de uma amplitude e complexidade verdadeiramente excepcional: ela abrange problemas que tocam ao vivo as carnes da Congregação e a nossa resposta pessoal a Deus, à Igreja e à sociedade do nosso tempo, de modo que não é de admirar que surjam zonas de sombra, dúvidas, perplexidades, conseqüentemente, do confronto das várias avaliações e sensibilidades podem nascer também tensões; mas justamente por causa dessas reais e sérias dificuldades parece-me que devemos ter bem presentes alguns princípios e orientações que indiscutivelmente ajudam a aplainar a estrada, a ver claro, a caminhar na pista certa com passo seguro no itinerário que devemos percorrer para chegar felizmente à meta.

Foi dito por alguém, que adquiriu grande experiência em Capítulos Especiais que seu sucesso está altamente condicionado à sua preparação.

Estou também convencido disso e estas minhas considerações respondem justamente a esta preocupação.

Os dois polos da renovação

Já ouvimos mil vêzes que o Capítulo Especial tem por objetivo estudar a “renovação” da Congregação, a “accomodata renovatio” de que falamos e à qual se referem os documentos conciliares e pós-conciliares.

Agora, mais que nunca, não deveria haver em nós nenhuma dúvida sobre o significado desta palavra; entretanto, de fato, mais de uma vez se constatou, e por várias razões, que

ela sofre as mais diversas interpretações, e até antitéticas conforme os casos, unilaterais, radicais, minimistas etc. E isso principalmente por causa da carga emotiva com que, não raramente, enfrentamos o problema da renovação: daqui, como dizia acima, os inevitáveis pontos de vista subjetivos e limitados, e daqui também, infelizmente, certos desvios mesmo ideológicos e portanto, práticos.

O Padre Congar falando do “*Perfectae Caritatis*” depois de ter afirmado que constitui a base, o fundamento, uma *summa* da vida religiosa, acrescenta: “Devemos tê-lo como ponto de referência tôdas as vêzes que se enfrente ou se esponha qualquer argumento relativo à vida religiosa. Não podemos falar de renovação da vida religiosa sem ter continuamente sob os olhos êste decreto cujo cerne é justamente a renovação da vida religiosa”. (Autori vari, *Rinnovamento della Vita Religiosa*).

Pois bem, a “*accomodata renovatio*” de que fala o decreto exprime uma contínua volta às fontes de tôda a forma de vida cristã e ao espírito primitivo dos Institutos e ao mesmo tempo uma adaptação dos mesmos Institutos às novas condições históricas. (P.C. 2 — E.S. I.^a parte).

A dúplice diretriz — acolhimento das exigências de hoje e — *junto e inseparavelmente* tomada de contato com o espírito das origens — é o trilho sôbre o qual devemos caminhar se quisermos realizar a renovação da Congregação.

O Padre Tillard, na obra citada, insiste, embora com outra imagem, sôbre êsse princípio claro e básico. Diz êle: “É preciso conservar, ao mesmo tempo, o movimento para a raiz, da qual provém a linfa religiosa, e o movimento para o mundo de hoje. Daqui a situação de tensão — incômoda e sempre à procura — em que o seu próprio movimento imerge a vida religiosa”.

Também o Padre Congar preocupa-se em esclarecer bem êste princípio que chamaríamos bipolar. “Uma reforma não é uma “revolução” porque respeita a continuidade, nem tão

pouco é uma “restauração” porque não busca o restabelecimento do que havia antes”.

E continua: “Se eu não buscasse senão o conformismo com a situação presente, jamais haveria reforma. Se imaginasse tudo diferente, isto nunca seria uma reforma. É preciso guardar... não uma fidelidade rasa, adaptada somente à forma atual das coisas. É preciso que a minha fidelidade assumá o futuro, apoiando-se nas origens: em resumo, é preciso que assuma a densidade do tempo”. “Croix — 24-X-1968). Não será demais repetir, portanto, que a nossa renovação deve apoiar-se contemporaneamente em dois polos igualmente essenciais e necessários. E embora possa parecer um paradoxo, para que a nossa fidelidade seja autêntica e fecunda deve dirigir-se ao mesmo tempo para o passado e para o presente. Quem, no trabalho de renovação da Congregação quisesse cindir êstes dois têrmos, provocaria nela uma crise que comprometeria sua vida e sua missão.

Volta às fontes

Em concreto... o incessante retôrno às fontes de tôda a vida cristã traduz-se em guardar o Evangelho. Êste é a matriz originária do espírito religioso, é a fonte inspiradora da oração, da doutrina, do apostolado religioso. É o texto da formação religiosa: o religioso nasce do Evangelho, amadurece no Evangelho, age sôbre o Evangelho, é o homem do Evangelho. Sômente olhando o Evangelho é possível atuar aquela *sequela Christi* que é regra suprema de tôda a vida religiosa.

Mas o Espírito Santo inspirou formas e modos diversos de viver a *sequela Christi*, suscitando vários Institutos religiosos “mediante homens particularmente dóceis às suas moções”. (L. G. 43).

A nossa Congregação, suscitada pelo Espírito Santo, fundada pelo nosso amadíssimo Pai, reconhecida pela Igreja, tem uma missão própria, um carisma próprio, um espírito próprio, um estilo próprio, todo um patrimônio que a Igreja do Concílio quer que seja bem conhecido e identificado cla-

ramente por nós na sua essencialidade perene a fim de que não se disperse e nem seja arruinado pela ferrugem do tempo, mas como linfa pura dê incessantemente alimento à Congregação que caminha na história.

É evidente tóda a importância do conhecimento e do estudo das nossas origens, de Dom Bosco, do seu operar, do seu pensamento, do seu espírito peculiar, de quanto nêle aparece contingente e momentâneo, fruto de sua adaptação ao momento histórico em que êle se move, e de quanto, ao invés, é idéia constante projetada no tempo para cumprir sua missão que vai além do seu ambiente e da sua vida.

Não seria possível pensar que nós procederíamos a uma operação de renovação da nossa Congregação sem abastecermos-nos em nossas origens, ou melhor, sem aprofundar tudo o que a ela se refere. Como se poderia discutir seriamente e com o coração sereno o pensamento de Dom Bosco, a nossa missão na Igreja e na sociedade, o espírito salesiano, as constituições, que são sua expressão concreta, sem ter feito esta pesquisa? Até um simples estudioso, embora sem a preocupação e responsabilidades de escolhas e orientações vitalmente decisivas, que nós temos, sentir-se-ia no dever de fazer tal pesquisa ao menos por amor à verdade histórica. Parece-me que não se poderia dar crédito a quem quisesse revisões e reformas na Congregação sem antes ter-se abastecido com tal documentação.

Louvo de coração aos não poucos irmãos que sentem a necessidade e o dever de documentar-se através de um estudo sério sôbre os vários pontos da nossa história, seja das primeiras origens como das gerações sucessivas, antes de intervir com relações e propostas sôbre os vários temas que serão tratados no Capítulo Geral.

Este modo de agir denota senso de responsabilidade e tomada de consciência sôbre a importância vital do assunto em jôgo e das conseqüências a que se expõe a Congregação caso se enfrentem os problemas sem tê-los avaliado em todos os seus aspectos.

Conhecer Dom Bosco: dever essencial

Aproveito a ocasião para estender o apêlo levando-o para fora e além do momento do Capítulo Geral. Somos Salesianos, filhos espirituais de S. João Bosco. Pois bem, para ser verdadeiramente e plenamente salesianos é claro que não basta ter professado e trabalhar nas nossas obras, viver em nossas comunidades. Para “*ser*” verdadeiros e conscientes filhos de Dom Bosco — não apenas para “chamar-nos” salesianos — é preciso conhecer o nosso Pai, a sua figura, o seu pensamento, as suas características, o seu inconfundível espírito, a sua pedagogia; é do conhecimento que vem a apreciação, a valorização, o próprio amor a tudo aquilo que Dom Bosco significa e representa para a Congregação e para a Igreja.

Devemos reconhecê-lo: se se adverte que, aqui e acolá em nossos ambientes Dom Bosco está menos presente na vida e nas atividades de quem apesar disto é chamado seu filho, a razão não última está no fato de que êstes não se preocupam em buscar um conhecimento adequado e aprofundado daquêle que é seu e nosso Pai, o Fundador das três grandes famílias salesianas, o grande e humilde servidor da Igreja.

O convite para conhecer e estudar Dom Bosco não é certamente bairrismo ou triunfalismo, é unicamente um apêlo a um dever elementar e coerente que a Igreja do Concílio faz a todo o Instituto religioso.

Nós — através de nossa vocação salesiana — somos chamados a ser os homens do Evangelho, mas segundo a graça do nosso Fundador, devemos encontrar o Evangelho através da pessoa de Dom Bosco, devemos participar — como disse um autor — do “*choque*” do Fundador no seu encontro com o Evangelho.

“A vida é marcada pela partida. A árvore vive das suas raízes” (Paulo VI 7-3-69).

Mas como é possível tudo isto sem conhecer — e não só superficialmente e de forma diletante — o patrimônio que existe na pessoa, na vida, no pensamento de Dom Bosco, a verdadeira fonte vital da nossa peculiar vocação salesiana?

A vossa inteligência e, mais ainda, o vosso sincero e autêntico amor a Dom Bosco e à vossa mesma vocação, tirem as conseqüências concretas destas minhas palavras.

Mas, voltemos aos nosso tema.

Abrir-se aos sinais dos tempos

O outro polo de nossa renovação é “*a adaptação aos tempos atuais*”. Esta é uma necessidade da Igreja: esta, de fato, “não pode deixar de ter em consideração a sua relação com o mundo que é, sim, de oposição ao mundo, mas também de penetração no mundo, de fermentação evangélica no mundo” (E. Ancilli. *Vita religiosa e Concílio Vaticano*. Pg. 314).

O difícil está em discernir entre o que se deve repelir e o que se deve assumir; mas a dificuldade não nos autoriza a fugir do problema, antes convida-nos à humilde pesquisa de uma síntese vivida pelos valores modernos e pelos antigos e perenes. Nessa pesquisa tenhamos presente que a “adaptação” não pode ser uma indiscriminada aproximação do mundo, que nos faça assumir modos de pensar e de viver do mundo.

A vida religiosa não pode e não quer ter por norma o mundo. Tenhamos presente que é fácil o equívoco em se tratando de adaptar-se ao mundo que é uma realidade ambígua.

A adaptação não se pode transformar em uma “partilha do que não pode ser partilhado, mas é antes um aproximar-se com critérios de Deus para ver a realidade como Deus a vê, é para amar como Deus ama; com aquêl amor, isto é, que se coloca perto do mundo para elevá-lo e enriquecê-lo,

e não para se deixar influenciar pelo seu espírito” (Molinari — Commento al FC. pág. 49).

Como disse acima, trata-se de uma empresa necessária, mas de extrema delicadeza também porque abrange toda a nossa vida: ascese e disciplina, formação e governo, apostolado e colaboração. Trata-se de uma renovação “de tal amplitude que não pode ser localizada apenas em alguns setores: a relação com o mundo atual, as relações dos religiosos entre si, as práticas religiosas diretamente concernentes à oração, as atividades, a vida comum não são aspectos ou setores isoláveis; a renovação em um setor comporta também uma modificação nos outros”.

A renovação, pela enorme vastidão e complexidade dos problemas que investe, pela delicadeza e dificuldade de avaliação e de escolhas essenciais, exige de nós, de todos nós, mas especialmente dos que têm a responsabilidade na preparação e apresentação de propostas e orientações, um conjunto de convicções e de atitudes que nos devam ser guia seguro em todo o nosso trabalho a serviço da Congregação.

Os extremismos não são construtivos

Primeiramente procuremos levar a todos os momentos da nossa atividade, em relação ao Capítulo Especial, uma grande serenidade junto com um constante equilíbrio.

Os extremismos, constatamo-lo tristemente cada dia, nunca são fecundos de verdadeiro bem. Por isso digo àquêles que se consideram progressistas: — Caríssimos, atentos! a vossa pode tornar-se uma verdadeira mania de novidade pela novidade.

Aos assim chamados conservadores, digo: — Caríssimos, atentos! Vosso apêgo ao passado pode ser uma estéril e irrazoável fixidez.

De fato, progressistas e conservadores “podem ser movidos bem pouco pelo impulso do Espírito Santo, e, pelo con-

trário, muito influenciados pelo seu temperamento e pelas suas experiências inconscientes” (Rivista di Ascetica e Mistica — Novembre 1965).

Pascal, a propósito dessas pessoas, diria: “Nunca se comete o mal tão plenamente e tão alegremente, como quando se faz por um pretendido princípio de consciência...!” (Pensieri, n. 895).

Gostaria de acrescentar ainda uma observação: os termos “progredir” e “conservar” não indicam atitudes feitas para se contraporem, mas para se integrarem, pois não há progresso sem tradição e não há tradição sem progresso.

A sensibilidade aos sinais do tempo não compromete a verdade que se deve sempre testemunhar.

Mais em concreto: está fora de discussão que deve haver mudanças, que deverão ser realizadas. Mas isto nada tem que ver com as manias de inovações irrazoáveis. As mudanças só se justificam “quando se trata de uma grande e evidente utilidade”.

Mas, de outro lado, não é lícito negar a necessidade de mudanças só porque não queremos modificar a nossa vida. Sob as aparências de amor à tradição pode esconder-se, mesmo inconscientemente, outro motivo: a renovação é incômoda, não condiz com os nossos hábitos mentais, obriga-nos a outro estilo de vida, por isso negamos sua necessidade.

Estudo e experiência, forças complementares

Parece-me, em conclusão, ainda atual o pensamento que exprimia dirigindo-me aos membros do XIX Capítulo Geral, em um momento de tensão: — “nenhum de nós possui o monopólio da verdade e da solução dos problemas (nem o progressista, nem o conservador). A verdade é como um mosaico, é o fruto de tantas partículas compostas juntas pelo estudo atento e convergente de vários artistas. Reconhecer que ninguém tem o monopólio da verdade, é verdadeira humildade, verdadeira inteligência (Atos C.G. XIX, p. 381).

Ninguém tem tudo, ninguém é completo, ninguém pode dizer tudo sobre qualquer argumento. O homem de estudos, por exemplo, pode dar certamente uma preciosa contribuição à nossa renovação com a sua cultura, mas digamos logo que por cultura nós entendemos não um conhecimento mesmo aprofundado de algumas disciplinas, dir-se-ia setorial; tanto menos pode-se falar de cultura pelo fato de que se leram muitos livros, ou porque se leram certas revistas. A verdadeira cultura, para nós e não para nós somente, é profunda elaboração de muitas disciplinas, é confronto ponderado de opiniões e de teses antes de chegar à síntese.

Mas, mesmo a autêntica cultura, as mesmas ciências sacras e as auxiliares tão valorizadas hoje, podem por si sós dizer uma palavra cabal e definitiva sobre a nossa renovação?

Justamente a propósito dessas ciências — de primeira importância — o Concílio e o Pós-Concílio preocupam-se que sejam pastoralizadas. E com razão, porque devem servir, não a um mundo inexistente, mas ao homem, tal qual é hoje; como indivíduo, como membro da sociedade eclesial e da cidade terrestre.

Pois bem, a renovação em torno da qual nós trabalhamos não é um fato caracteristicamente "*humano*", isto é não deve servir para homens e não deve ser realizado através de homens no mundo da realidade salesiana?

Parece-vos então que o homem de estudo que vive entre os seus livros, mesmo enriquecido da verdadeira cultura, possa sozinho dizer a palavra definitiva para a nossa renovação?

É claro que, como para a atuação pastoral o teólogo, o historiador, o sociólogo são preciosos, mas têm necessidade de ser integrados com quem vive a realidade do trabalho, da família, da paróquia, da escola, assim para a nossa renovação temos necessidade, sim, da palavra dos homens de estudo, mas evidentemente devem ser integrados por outros que,

vivendo encarnados na realidade salesiana, têm a experiência e a sensibilidade dos seus vários componentes.

Uma osmose fecunda na caridade

Digamos uma palavra a respeito do relacionamento entre os velhos e os jovens. Mesmo aqui estaria fora de toda a realidade quem achasse que possui com exclusividade — jovens ou velhos — a fórmula da renovação.

Olhando bem, o ancião é levado à prudência, gosta do passado em que há também o filão da sã tradição e se desenrolou o fio da sua vida; vê com facilidade imprudências, intemperanças e desvios. Tal atitude, psicologicamente explicável, algumas vezes resolve-se em um estado de tranqüila aquiescência ou de defesa amarga do *status quo*.

Na outra margem está o jovem que recalitra e protesta, eco da profunda agitação que faz trepidar este nosso tempo de transição e de crise. Em nome da ação ergue a bandeira do ativismo, o agir por agir sem metas precisas: pronto para fazer próprio o conteúdo do último artigo da revista da vanguarda, põe em discussão e sob acusação tudo, as estruturas da Igreja e o celibato, a vida religiosa e salesiana, o sentido dos votos, o exercício do nosso apostolado. Extremismos infelizmente incontrolados.

Mas ao lado destes extremismos existem fermentos bastante válidos.

Eis outro jovem: não desconhece a tradição vivente e viva, mas não suporta as tradições sem viveza e lânguidas sob camadas de pó; ele olha para frente, longe, para um futuro não despido de riscos, mas rico também de promessas. Lamenta que o elemento humano colocou algum freio na atuação do Concílio e do XIX Capítulo Geral. Como quer que seja, a sua tensão é animada por uma preocupação de autenticidade, intui, embora não veja claramente, que o Concílio abriu com poderoso dinamismo novos caminhos,

para a Igreja e para a Congregação, e portanto, espera, mesmo com uma certa dose de impaciência. . .

Diante dêste quadro certamente cheio de lacunas mas suficientemente indicativo, que devemos dizer?

Ainda uma vez: nenhum tem tudo! Há valôres e desvalôres de cá e de lá; nos velhos e nos moços.

Então? A conclusão é clara: sòmente a consciência das próprias limitações, que é sinal de maturidade, sòmente a compreensão dos valôres positivos que existem nas atitudes do meu “adversário”, sòmente uma osmose de idéias e de avaliações entre jovens e velhos, na estima e na caridade recíproca, poderão transformar a natural tensão entre as gerações em preciosa fonte energética para a Congregação.

Evitar-se-á assim Cila sem ir de encontro com Caríbdis e se prestou um inestimável serviço à Congregação.

Como conclusão destas considerações pode ser agradável uma saída atribuída ao Papa João.

Durante o Concílio alguns prelados, preocupados com o fato de que os “velhos” não queriam ceder em nada e os “jovens” queriam trocar tudo, pediram conselho ao Papa João.

E eis a sua sábia resposta: “Dizei aos “velhos” que o mundo continuará também depois dêles; e aos “moços” que o mundo já existia antes dêles”.

Dispensa comentários!

Sejamos pois portadores de um espírito de colaboração, integremo-nos, tornando-nos reciprocamente sensíveis: tere-mos prestado um precioso serviço à Congregação.

“Atendamo-nos reciprocamente”

Mas, como disse acima, esta atitude supõe e postula, — e não pode ser de outra forma — um senso sincero de humildade, o senso honesto e inteligente dos próprios limites

e conseqüentemente a ausência da presunção de um certo profetismo, e o respeito aos outros, mesmo de quem não pensa como nós.

O Cardeal Garrone falando justamente de certas vocações ao profetismo diz que “nem tôdas são fraudulentas, muitas porém são ilusórias. É preciso abrir bem os olhos: Deus não multiplica os profetas e se necessita de tempo pará experimentar o valor das suas mensagens”. Pode-se acrescentar também que é preciso ver até que ponto o estilo, o tom, o modo de agir, e especialmente a vida dos tais “profetas”, dão crédito e testemunham a bondade da sua mensagem.

Na verdade, fica-se antes perplexos diante de certas formas de dogmatismos, de certas afirmações perentórias, de certos violentos “aut aut” por parte de alguns a propósito da renovação... tanto mais quando provêm de gente evidentemente impreparada, ou sem tôda aquela experiência de vida que é um componente insubstituível para tratar sèriamente dos problemas da renovação, ou que não se apresenta como exemplar na vida religiosa.

A perplexidade se agrava quando nos encontramos diante de certos métodos que dir-se-iam de pressão psicológica tendentes a fazer aceitar a todo custo as próprias teses tomadas também para prestigiar certas hipóteses bastante ousadas e discutidas.

Caros Irmãos, rogo-vos vivamente que ninguém de nossa família se ponha neste caminho; um caminho falso, cheio de perigos, sem dúvida prejudicial.

É óbvio de fato que a clareza e a sinceridade com que temos o direito e o dever de afirmar quanto em consciência achamos necessário para o bem da Congregação, não podem nem devem estar separadas do respeito a todos e a cada um dos irmãos, da ponderação e reflexão que devem preceder todo juízo de situações concretas, para que estas, possam ser avaliadas em todos os seus aspectos negativos e positivos em uma visão a mais completa possível.

Deixando de lado tais critérios, corre-se o risco, entre outros, de conduzir uma ação contraproducente, e portanto com um resultado oposto ao que se quereria obter. De fato, idéias, propostas, observações totalmente ou parcialmente válidas costumam também ser, por lei psicológica (mecanismo de defesa) rejeitadas totalmente, se na apresentação aparecem afogados em um conjunto de juízos categóricos, condenações fáceis, tons definidores. Mas deve-se também dizer que idéias assim colocadas acabam por provocar reações totalmente opostas: todo extremismo produz fatalmente outro extremismo.

Torna-se oportuna a palavra do Cardeal Döpfner: êle convida àquela que chama paciência, mas que nada tem a ver com o imobilismo; antes, é uma sábia compreensão, isto é, humildade e caridade juntas. Eis as suas palavras repletas de sabedoria humana e cristã: “Atendamo-nos reciprocamente, nesta paciência de Deus que se manifesta em Cristo: aquêles que empurram para frente esperem aquêles que têm necessidade de mais tempo; os que apreciam o que já se atingiu, disponham-se a acolher o nôvo. Falar de “paciência” pode parecer pretexto barato para não dar os passos necessários; todavia o máximo perigo parece hoje ser justamente a impaciência que é fruto de um *zêlo sem caridade*”. (Carta Pastoral 1968).

A humildade paciente e respeitosa dos outros encontra a sua raiz e a sua fôrça na pureza das próprias intenções.

Não pareça fora de lugar falar de intenções puras. O orgulho humano é multiforme e subtil; pode insinuar-se, sem que se perceba, nas dobras de nosso ânimo. A história antiga (e também a atual) o ensina. Já Santo Agostinho dava o alerta: “É fácil confundir a *própria verdade* com a Verdade”. É preciso reversionar-se continuamente diante de Deus e da Congregação: a nossa deve ser em todos os momentos a procura sincera e serena do bem da Congregação. Para verificar tal “procura sincera do bem da Congregação” nas próprias intervenções de qualquer gênero perguntemo-

-nos sempre se o nosso zêlo, como adverte o Arcebispo de Mônaco, é *sem caridade ou com caridade*. A eventual ausência da caridade (que pode tomar tantas formas) na nossa ação preparatória ao Capítulo Especial, não pode deixar de fazer-nos duvidar da bondade da nossa ação e da sua eficácia construtiva. São Francisco de Sales observa que a violência que se pode manifestar de tantos modos — e que é ausência de caridade — não pode de modo algum ser a arma da Verdade.

Evitar modos contraproducentes

Talvez seja útil dizer alguma palavra mais concreta sobre este argumento. Gosto de pensar que estais persuadidos de que os Superiores desejam a colaboração de todos os irmãos; uma colaboração dada com plena liberdade e por causa disto mesmo com summa responsabilidade. O *iter* de preparação solicita-a e promove-a de muitas maneiras, nas várias fases dos trabalhos. Acolhemos por isso com gratidão tãda a forma de colaboração, reservando sempre atenção e sincero aprêço a tãdas as sugestões, observações, intervenções.

Por isto o *iter* previu que os Salesianos por si ou em equipe possam fazer chegar ao Capítulo Inspetorial, ou diretamente à Comissão Central de Coordenação, propostas, estudos, documentos.

Justamente nesta perspectiva, devo dizer que já vieram de várias partes da Congregação apreensões, perplexidades, e mesmo reprovações de não poucos irmãos, até muito qualificados, abertos e sensíveis às justas exigências da renovação. E não se pode dizer que tais reações sejam totalmente infundadas. Esses irmãos referem-se ao fato que por alguém isoladamente ou em grupo foram colocados em circulação escritos que solicitam particulares diretivas, enviando-os não às Comissões Preparatórias Inspetoriais, ou à Comissão Central, mas praticamente a tãda a Congregação. Tais es-

critos fora do ambiente em que foram pensados e redigidos, são com frequência motivo mais de confusão e alarme ou de violentas reações do que instrumento de esclarecimento construtivo.

Caríssimos irmãos e filhos, desejo assegurar a todos que idéias, propostas, sugestões, serão acolhidas e consideradas como merecem. Disto são garantia também as Comissões pre-capitulares Centrais que, como podeis constatar em outra parte dos “Atos”, são de vasta e variada formação; são seus componentes irmãos provenientes de todos os continentes, ricos de cultura nos mais diversos ramos; junto de Irmãos, sacerdotes e coadjutores, ricos de experiências diversas, há outros muito jovens. Merecem tôda a nossa confiança.

Mas evitemos transformar nossa colaboração ao Capítulo Especial que pode ser preciosa e determinante, em algo que, na realidade, pode anular a consecução daquêles objetivos que nos propusemos.

E os objetivos, é bom repetí-lo, resumem-se em poucas palavras: dar uma vida renovada à Congregação, uma vida juvenilmente arejada e dinâmica, uma vida ricamente fecunda na autêntica vocação de sempre, que Dom Bosco lhe designou.

Amar e compreender a Congregação para renová-la

Foi dito que desejar a renovação da Congregação é sinal de amor sincero para com ela. Não é uma figura retórica dizer que a Congregação é nossa Mãe. E nós, justamente porque nos sentimos filhos e a amamos concretamente, e por isto queremos libertá-la de tôda a esclerose que o tempo lhe trouxe, queremos rejuvenecê-la de eventuais anemias devidas ao grande consumo de energias, queremos dar-lhe o entusiasmo e o ardor da sua primeira adolescência.

Mas êste amor concreto jamais poderia traduzir-se em um desprezo pela Congregação, do seu passado, remoto ou

próximo, dos homens que a acompanharam no seu crescimento e desenvolvimento, de todo o conjunto de normas e critérios que a guiaram e a regem ainda.

Um sinal seguro do amor é a compreensão de quem se ama.

Pois bem, nós que amamos a Congregação (se algum não a amasse estaria *de fato* já fora da nossa família) compreendemos que se hoje vemos tantas coisas com olhos e com sensibilidades novas, correspondentes a situações e evoluções sociais, psicológicas, de costume, novas também na Igreja, isto não autoriza de maneira alguma a condenar um passado que na verdade respondia a situações profundamente diferentes das nossas. A mamãe que empregou tanto tempo em tecer a mão um tecido, não será injustamente condenada pelo filho amoroso e inteligente em nome da automatização de hoje.

Este amor, que se faz compreensão, se dará conta que a Congregação é uma criatura *sui generis*: não é uma Sociedade filantrópica, ou política, não é uma cooperativa de trabalho, um sindicato ou uma sociedade industrial ou comercial: a Congregação tem fins eminentemente sobrenaturais, apostólicos, religiosos: nós, na Congregação, unidos pelo vínculo da caridade, queremos trabalhar, viver a nossa consagração com um apostolado característico no espírito de Dom Bosco.

As mudanças, as transformações, os critérios da renovação, devem respeitar e ter presente estas realidades: o amor deve responder às exigências da coisa amada. Nós recebemos da Igreja a tarefa de renovar a vida religiosa na Congregação salesiana; não se trata de criar uma outra Congregação ou de mudá-la, quem sabe em que outra organização de bem ou de apostolado.

Está bem servir-nos nos nossos trabalhos de ciências auxiliares que nos comunicam as realidades humanas e sociais em que devemos mover-nos. Estudemos também seriamente os documentos que obviamente são os mais qua-

lificados para iluminar-nos neste não fácil caminho da renovação. Quem teria a ousadia de achar que pode dispensá-los?

É também indispensável deixar-se guiar, sim, pelos sinais dos tempos e por todos aquêles auxílios que nos possam vir das ciências e das técnicas para tal fim, mas antes de tudo deve-nos guiar a voz de Cristo e da Igreja e a fidelidade ao carisma e ao espírito do Fundador, que, lembrem-nos bem, muitas vêzes repetiu ter pensado e querido a Congregação mediante clara inspiração do alto e com a assistência, em forma especialíssima de predileção de N. S. Auxiliadora.

São pensamentos que vêm espontâneos diante de algum escrito circulante aqui e ali, cuja inspiração, motivação e sugestões são tomadas totalmente de autores, cuja autoridade não se quer discutir, mas com completa, ou quase, exclusão da voz da Igreja, do Concílio e do Magistério Ordinário do Papa, que entretanto ofereceu, e continua a oferecer, a mais autorizada interpretação e aplicação do Concílio, e enfim do pensamento e da palavra de Dom Bosco, de que certamente não são pobres, as fontes salesianas.

Todo esforço será vão sem uma verdadeira “conversão”

Antes, porém, de encerrar esta carta, justamente para que todo o nosso trabalho preparatório ao Capítulo Especial tenha fundamento seguro e metas claras, desejo recordar a todos a advertência que é o ponto-chave de todo o Decreto P.C. (18); “A Renovação não pode ser sòmente exterior”. A solução de todos os nossos problemas, seja em um plano geral seja no das escolhas particulares, está no espírito que deve animar as decisões que se deverão tomar. E isto nos diz que o problema de adaptação da Congregação é uma realidade profunda, é essencialmente um problema de “conversão”: é o pensamento repetido com freqüência por Paulo VI em tantas ocasiões. Para ser fiéis a Cristo e à Igreja no mundo

atual e por consequência a Dom Bosco, nosso Pai e Fundador, somos convidados a “converter-nos”. Esta ação deverá levar muitas vezes a uma verdadeira inversão das posições tradicionais; a uma nova mentalidade e sensibilidade, seja no campo do conhecimento como no da vida, da formação e do apostolado.

Tudo isto não se pode atuar senão através de uma adequada preparação dos espíritos, mas é o único modo de ser realmente fiéis ao nosso Pai e à Igreja atual.

O Concílio, e portanto o Papa, como aludia acima, colocaram bem em evidência este princípio: sem a renovação espiritual e interior, mesmo “as melhores formas de “aggiornamento” não poderão ter sucesso” (P.C. 20).

As técnicas, as consultas, as ciências auxiliares, os programas, e portanto as novas estruturas, os novos métodos etc., devem ser postos em ação, certamente; mas todo este trabalho embora preciso se resolveria praticamente em nada se faltasse a alma, pois repito-o ainda, somos chamados não a criar uma organização qualquer mesmo com o objetivo de bem, mas a renovar a vida espiritual e apostólica de almas consagradas na família de Dom Bosco; dos salesianos de hoje e de amanhã; e o que é preciso para este fim é antes de tudo a intensidade da vida interior.

Von Balthazar afirmou que, para curar, a crítica deve ser repassada de amor: “Todos os grandes santos, isto é, dotados de verdadeiro amor, foram reformadores. Mas nem todos os reformadores foram santos, e por isso alguns deles, destruíram em vez de construir”.

Se na Congregação cuidarmos intensamente, seja como indivíduos e como comunidade, a vida interior, a oração, a união com Deus, o espírito de sacrifício, o amor ao próximo, o amor à Igreja e a Dom Bosco, então a nossa vitalidade religiosa resolverá eficazmente os problemas de adaptação que os novos tempos impuserem.

É próprio dos organismos “vivos” o adaptar-se; onde não há “verdadeira vida” não há verdadeira adaptação.

A nossa emprêsa tem necessidade de uma alma

Como se vê, em definitivo e no fundo, o problema que nós enfrentamos no Capítulo Especial é um problema essencialmente espiritual. Por isto, lembrados de que sem a intervenção de Deus, — que é o verdadeiro “construtor da nossa casa”, — trabalharemos em vão, intensifiquemos a nossa oração; não há meio mais eficaz, para obter a presença ativa do Senhor em todo o nosso afã para renovar o edifício da nossa amada Congregação.

Rezar, portanto! Vejo com satisfação que em muitas Inspetorias está presente esta realidade, e os irmãos estão sendo mobilizados para acompanhar os trabalhos do Capítulo Especial com uma oração viva, autenticada e enriquecida pela caridade e pelo sofrimento.

Rezar! Esta palavra neste nosso tempo parece às vezes estar fora de moda. Li com pesar o quanto refere um jornalista como conclusão de um seu amplo inquérito sôbre a crise e sôbre as fermentações religiosas em vários países da Europa.

Nota êle como mais de uma vez entretendo-se com Religiosos e sacerdotes, que embora interessados intensamente nos problemas da renovação da Igreja, achou que se tomaram de constrangimento que se falasse de santidade, e se sentiam pouco à vontade quando se levava a conversa para a oração.

Esta constatação que não queremos aceitar como um fato geral, tanto menos na nossa família, é porém para todos nós uma advertência, tanto mais que a respeito nos ocorre ouvir na Igreja apêlos bem mais autorizados que os de um jornalista.

Vejamos por exemplo, a palavra do Cardeal Garrone: “ A que altura se encontra a oração na Igreja? Os que têm a responsabilidade de abastecer de água potável uma cidade, nunca perdem de vista as camadas profundas de onde sur-

gem as fontes. Aquêles que sustentam o pêso da Igreja ficam profundamente perturbados ao constatar, por tantos sinais, a decadência da oração em sacerdotes envolvidos pela ação, desabituaados da adoração eucarística, da oração, e até do breviário. O que será dos fiéis se os seus pastôres são assim? O que espera das pesquisas em curso, das novas estruturas, se a busca não se alimentou com a oração e não deu as desejadas soluções? As comunidades religiosas que procuram renovar-se devem estar certas de que os seus problemas, os quais requerem o estudo de elementos de todos os gêneros, jamais poderão ser resolvidos se a atmosfera em que se desenvolve o seu trabalho não fôr a sôbrenatural da fé, da oração e da caridade. A Igreja sente a necessidade de profetas que indiquem o caminho. Mas é mais necessário que sinta a necessidade da santidade. Ocorre olhar os modêlos que no decorrer dos séculos recomendaram-se à sua confiança mais pela santidade que pelos empreendimentos exteriores. Então nada haverá a temer. Então não haverá o risco de conhecer o valor das investigações pacientes, das observações e dos estudos, mas não confundirá os instrumentos técnicos com as fôrças espirituais e, mais ou menos, o fim com os meios. Então, principalmente, estabelecendo-se permanentemente na verdade, se atingirá uma nova esperança". (Osserv. Romano, 30 marzo, 1969).

Caríssimos irmãos, convido-vos a meditar estas palavras, admoestadoras e ao mesmo tempo luminosas: servir-nos-ão para nos persuadir de que no contato filial com Deus encontraremos aquela soma de energias tão necessárias a uma empresa tão difícil e delicada como a de nossa renovação. Tais energias jamais nos poderão ser dadas, por si, as técnicas e as ciências humanas, tôdas as nossas louváveis perspicácias. A nossa renovação não é um simples problema de escritório. A oração nos dará segurança e confôrto nas dificuldades e nas dúvidas que se apresentarem ao roteiro que ainda temos que percorrer: a oração aumentará a nossa caridade (Deus é amor); apesar da variedade de atitudes far-nos-á concordes na procura sincera (Deus é ver-

dade) de tudo o que possa verdadeiramente dar um renovado vigor à nossa diletta Mãe, a Congregação.

Unidos a Dom Bosco com o coração dos primeiros irmãos

Unidos na oração e na caridade sentir-nos-emos unidos ao redor do nosso Pai: todos, anciãos e jovens, coadjutores e sacerdotes, homens de estudos e missionários, formadores e irmãos em formação reuniremos em tórno de nosso Pai com os mesmos sentimentos dos nossos primeiríssimos irmãos de há mais de um século, quando a Congregação estava nos seu alvorecer.

Lembraís aquelas palavras? Soam como um juramento! “Cada um, em qualquer lugar se encontre, fôssem mesmo todos os nossos companheiros dispersos, não existissem senão dois só, houvesse apenas um, êste se esforçará para promover esta pia Sociedade e de observar, o quanto possível, as regras” (M.B. VI, 630). “Promover a nossa Congregação”, isto é, fazê-la progredir é a palavra que nos disse Paulo VI, mas progredir como quer a Igreja, como queria Dom Bosco.

Pois bem, a decidida vontade daquêles que viveram o nascimento da Congregação seja também a nossa vontade.

Toca a nós a sorte de servir em certo sentido de artífices e colaboradores do renascimento da Congregação: a renovação no fundo tem êste significado.

Nesta ação vital em que temos o privilégio de ser chamados pela Igreja, levemos todos os sentido de doação, de fidelidade, e de amor a Dom Bosco que animava os nossos primeiros irmãos: o sucesso não poderá faltar.

A Virgem Auxiliadora, que guiou os passos do nosso Pai ao nascer e no progredir da Congregação, será também para nós e para o nosso trabalho, Guia e Mestra.

Saúdo-vos com vivo afeto, rogo-vos que vos lembreis de mim todos os dias assim como de minhas intenções e necessidades. Eu vos tenho sempre presentes. O Senhor vos abençõe e conforte.

Sac. Luiz Ricceri
Reitor-Mor

II. CAPÍTULO GERAL ESPECIAL

COMUNICAÇÕES E INFORMAÇÕES DA COMISSÃO CENTRAL DE COORDENAÇÃO

1 — Preparação do primeiro Capítulo Inspetorial Especial

As notícias que chegaram das Inspetorias sôbre a preparação do 1.º Capítulo Inspetorial especial fazem-nos capazes de apresentar aos irmãos uma visão sintética, mas suficientemente indicativa do empenho com que se trabalhou em tôda a Congregação.

Ordenamos estas nossas informações baseados nas tarefas e nos objetivos que o roteiro para o Capítulo Geral propos a seu tempo para o período janeiro-maio, 1969.

A) *Obra de sensibilização e participação dos Irmãos*

Foi acolhida com viva satisfação a iniciativa do Reitor-Mor que quis comunicar o início da preparação capitular também com uma carta pessoal a cada irmão, pedindo a ativa participação de cada um, no plano das idéias, pedidos e propostas para aquela “renovação na fidelidade” que hoje nos pede a Igreja.

Em tôdas as Inspetorias logo que se recebeu a comunicação oficial sôbre o Capítulo Geral Especial, reuniu-se o Conselho Inspetorial para estudar como encaminhar o trabalho nas várias casas e no nível inspetorial.

Em tôda a parte, primeiramente foi instituída uma Comissão Preparatória Inspetorial. Em alguns casos foi diretamente nomeada pelo Inspetor, ouvindo o Conselho Inspetorial. Em outras Inspetorias, fizeram-se consultas e foram pedidas indicações aos irmãos sôbre a composição e representação. Em algumas Inspetorias os membros das Comissões Preparatórias foram eleitos pelos irmãos.

Para apresentar aos irmãos os temas gerais do Capítulo Especial e para pedir e facilitar a cada um colaboração efetiva, achou-se oportuno

tuno em muitas Inspetorias enviar às casas os membros da Comissão preparatória ou outros Irmãos qualificados para conduzir discussões nos conselhos de ação, em grupos espontâneos ou com tôda a comunidade.

Em quase tôda a parte foram organizadas reuniões inspetoriais, e às vêzes interinspetoriais, por categorias (Diretores, Párocos, Professôres, Coadjutores, Responsáveis por setores específicos etc.).

A medida que os trabalhos se encaminhavam e se focalizavam os problemas, foram organizados vários tipos de sondagem em todos os níveis, e não poucas Inspetorias prepararam amplos questionários.

Foi também lembrada por algumas Inspetorias a colaboração dos Delegados Inspetoriais para organizar amplas sondagens entre Coope-radores, Ex-alunos, alunos e outras pessoas (Clero Secular, outros Religiosos, Leigos) que colaboram conosco, conhecem as nossas atividades, ou vivem em zonas que deveriam perceber o influxo da nossa presença.

As suas respostas, antes mesmo de serem examinadas em nível inspetorial e central, constituíram motivo de reflexão e de renovado empenho em nível local onde foram formuladas. Onde, pela escassez de tempo, tudo isso não foi possível, pretende-se fazê-lo em um segundo momento.

As respostas, as propostas e as observações dos irmãos contribuíram eficazmente para posteriores orientações das Comissões Inspetoriais que no entanto se subdividiam em tôdas as Inspetorias em sub-comissões para o estudo de cada um dos principais temas, e procuravam em tôda a parte manter informados os irmãos sôbre o andamento dos próprios trabalhos.

Nas Inspetorias que publicam periódicamente boletins de informação e união para os Irmãos, foram impressos ou mimeografados números especiais dêstes boletins com notícias, questionários, atas de reuniões de Comissões, indicações etc. Em outras Inspetorias foi iniciada nestas circunstâncias a redação de um serviço de informação de propósito, para as casas e cada um dos irmãos.

A fim de levar ao aprofundamento de algum tema em discussão, essas mesmas publicações trouxeram bibliografias, estudos de salesianos e de outros religiosos, documentos de Conferências Episcopais etc.

Algumas Inspetorias, como conclusão dêstes trabalhos, antes do Capítulo Inspetorial Especial, convocaram uma Assembléa dos irmãos, chamando-os em um ou vários turnos, com ampla possibilidade de debate.

B) *Preparação Espiritual para o Capítulo*

Destacou-se de vários modos em tôdas as Inspetorias que a renovação que se almeja é antes de tudo, como escreveu o Reitor-Mor, a “interior, espiritual, apostólica, fundada sôbre a nossa conformidade a Cristo, sôbre a fidelidade ao carisma essencial de Dom Bosco e aos sinais dos tempos” (ACS, 254, pág. 6).

Resulta que para essa finalidade em várias Inspetorias organizaram-se dias especiais de retiro e de oração para os irmãos, foram interessadas também as comunidades juvenis, pediram-se orações especiais a comunidades consagradas (Irmãs de Clausura, etc.).

Grande parte dos Retiros mensais e trimestrais dêste período foram, enfim, programados em função de tal preparação espiritual.

C) *Esclarecimentos sôbre os temas e as Comissões de Estudo*

Os temas gerais apresentados nos Atos do Conselho Superior logo surgiram, desde os primeiros contatos, extremamente ricos, com múltiplas implicações teológicas, históricas, jurídicas, operativas.

Por isso, em tôda a parte constituíram-se comissões de estudos, não só em cada casa, mas também em nível Inspetorial. Muitos irmãos animaram grupos espontâneos de aprofundamento, em alguns casos recorreu-se a especialistas mesmo não salesianos, mas ao par de nossa problemática e necessidades. Em geral, o trabalho foi conduzido com responsabilidade, empenho e com êxito em muitos casos satisfatórios, apesar das dificuldades objetivas que, no momento atual, não atingem sômente a vida e a Congregação Salesiana.

Quase em tôda a parte as Comissões e Sub-comissões pre-capitulares encarregadas do aprofundamento dos temas gerais mantiveram-se metódicamente em contato com os irmãos, transmitindo-lhes as atas e resultados das próprias reuniões e o material de documentação.

Em várias Inspetorias se ficharam, anônimas, as propostas e indicações de cada irmão sôbre cada ponto de cada um dos temas, de modo claro e orgânico, a fim de facilitar a consulta das Comissões Capitulares.

Outras preferiram inserir as propostas, com o número de irmãos que as apresentaram como apêndice dos documentos conclusivos.

Fruto de todo êste fatigoso trabalho das Comissões são os “Esquemas” sôbre os quatro temas apresentados ao estudo e à discussão do Capítulo Inspetorial. Resulta que tais “Esquemas”, na maioria dos casos, foram colocados à disposição, com suficiente antecedência, de

todos os membros do Capítulo Inspetorial, de modo a lhes permitir uma boa preparação para o Capítulo.

Foram enviados gentilmente a esta Comissão Central, para conhecimento, vários destes “Esquemas” pre-capitulares, e acreditamos que se possa afirmar, com pleno respeito da verdade, que se trata de trabalhos apreciáveis sob todos os aspectos, de conteúdo, de documentação, de técnica de apresentação.

D) *As eleições*

Foram poucas as dificuldades indicadas a esta Comissão Central a respeito da técnica e do modo de proceder às eleições para os Capítulos Inspetoriais.

O sistema tradicional permitiu que as eleições dos delegados de cada uma das casas se desenvolvesse sem nenhum inconveniente, com aquêles acréscimos referentes às Casas não Regulares, indicadas no ACS, n.º 255, pág. 4.

A ampliação do Capítulo Inspetorial, para dar-lhe uma maior representação, foi escolhido com agrado geral.

Para a eleição dos delegados dos Irmãos sôbre listas inspetoriais, nas inspetorias com grande extensão territorial, podem ter surgido contratempos. Não faltaram reclamações sôbre alguns aspetos particulares da nova fórmula e sôbre certos modos de aplicação prática. Entretanto os dados que já possuímos induzem a dar um juízo substancialmente positivo à experiência, sôbre a qual, porém, sômente o Capítulo Geral poderá pronunciar-se oficialmente.

Tôdas as Inspetorias elegeram os delegados segundo as modalidades indicadas no n.º 255 dos Atos do Conselho Superior, e oportunamente comunicaram aos irmãos a lista oficial dos capitulares.

Em muitas Inspetorias um comitê especial de capitulares eleitos elaboraram um Regulamento do Capítulo Inspetorial, do qual foi mandada cópia para a apreciação de cada irmão eleito para o Capítulo. Isto permitiu que viessem reexpedidas a tempo observações e propostas de modificações que puderam ser recolhidas em um texto definitivo de Regulamento a fim de ser aprovado no início do Capítulo Inspetorial.

Da leitura de tais Regulamentos ficou confirmada a impressão já manifestada de que, sob todos os aspectos, a denominação de “especial” seja verdadeiramente apropriada para êstes primeiros Capítulos pedidos pelo Roteiro.

Dêles daremos notícias no próximo número dos Atos.

2 — As Comissões pre-capitulares centrais

Nos primeiros dias de março, o Conselho Superior enfrentou o problema da composição das “Comissões Pre-Capitulares Centrais” prevista pelo Roteiro do Capítulo Geral Especial (Atos do Cons. Sup., n.º 254, pág. 11, § 9).

Em base das informações e indicações enviadas pelos Inspetores com os seus Conselhos aos Conselheiros Regionais, procurou-se formar Comissões que respondessem a uma dúplice exigência: uma vasta representação internacional e ao mesmo tempo uma competência tal que assegurasse a eficiência e a qualidade do trabalho em pauta.

Foram logo iniciados os contatos com os irmãos interessados e com os seus Inspetores para lhes pedir o consentimento. Devido aos trabalhos das Comissões se desenvolverem em fases sucessivas quase sempre longas, não só os irmãos nomeados, como as inspetorias de sua procedência deverão enfrentar não leves sacrifícios para poder prestar êste serviço à Congregação. Sua adesão testemunha vivo sentido de responsabilidade e consciência pelo interêsse preeminente que assume hoje a preparação do Capítulo Geral Especial.

Foram constituídas cinco Comissões, uma para cada um dos “Temas Gerais” e a quinta para a revisão das Constituições e dos Regulamentos.

Tôdas se encontrarão de 30 de junho a 20 de agosto mais ou menos, em Roma, no nosso Instituto São Tarcísio, colocado gentilmente à sua disposição.

COMISSÕES PRE-CAPITULARES CENTRAIS

PRIMEIRA COMISSÃO:

“NATUREZA E FIM DA CONGREGAÇÃO”

Pe. Walter Bini	São Paulo — Brasil
Pe. Sérgio Chisté	Turim — Crocetta
Pe. Francisco Desramaut	Lion
Pe. João Greham	Buenos Aires
Pe. Miguel Kramer	Benediktbeuern
Pe. Tadeu Manfredonia	Vietri
Pe. Paulo Natal	Alassio
Sr. Antônio Parlanti	Colle Don Bosco
Clg. Francisco Moloney	Inspetoria Australiana

SEGUNDA COMISSÃO:

“A VIDA CONSAGRADA A DEUS NA CONGREGAÇÃO SALESIANA”

Pe. Alexandre Cussianovich	Lima
Pe. Henrique da Rold	Loreto
Pe. Antonio Javierre	Roma PAS
Eng. Luciano Oses	Barcelona
Pe. Jaime Rodriguez	Bogotá
Pe. José Thekedathu	Madras
Pe. Francisco Valebek	Bratislava
Clg. Henrique Baca	Inspetoria Argentina de B. Aires

TERCEIRA COMISSÃO

“A FORMAÇÃO PARA A VIDA CONSAGRADA NA CONGREGAÇÃO SALESIANA”

Pe. Domingos Amoroso	Messina
Pe. Pedro Broccardo	Roma PAS
Sr. Carlos Gamba	Turim Valdocco

Pe. Geraldo Grieb	Oberthalheim
Pe. Alexandre Rada	Quilpué
Pe. João Rennkamp	Junkerath
Pe. Thomaz Swanzey	Oxford
Pe. Feliciano Ugalde	Godelleta — Valencia
Clg. Raimundo Iribertegui	Inspetoria Venezuelana

QUARTA COMISSÃO:

“ESTRUTURA E GOVERNO DA CONGREGAÇÃO”

Pe. João Caetano	Vendas Novas
Pe. Alfredo Cogliandro	Manilla
Pe. Miguel Delgado	Caracas
Pe. Felix Dominguez	Zamora
Sr. Pedro Gallo	Roma
Pe. Mauricio Quartier	Heverlee
Pe. Pio Scilligo	Roma PAS
Pe. Januário Sesto	Nova York
Clg. Jancarlo Manieri	Inspetoria Adriática

QUINTA COMISSÃO:

“REVISÃO DAS CONSTITUIÇÕES E DOS REGULAMENTOS”

Pe. José Aubry	Lubumbashi
Pe. García Gonzalo	México
Pe. Jorge Gozzelino	Turim Grocetta
Pe. Leopoldo Kasperlik	Szczyrk
Pe. Júlio Perello	Quito
Pe. Agostinho Pugliese	Roma
Pe. Francisco Roses	Barcelona
Pe. Pedro Stella	Roma PAS
Clg. Janmario Colombo	Inspetoria Lombarda

III. DISPOSIÇÕES E NORMAS

1 — Normas para as admissões às sagradas ordens

No espírito da Instrução “Renovationis Causam” acha-se oportuno que para as sagradas ordenações, não se fixem datas rigidamente obrigatórias para todos, mas que cada ordenando possa fazer livremente a escolha da própria ordenação.

A escolha da ordenação é subordinada às seguintes normas:

1. para cada ordem é fixado o tempo, em conformidade com o Direito Canônico e os eventuais privilégios, antes do qual não é possível ser admitido à mesma ordem;

2. O Estudantado Teológico determinará no decorrer do ano as datas em que serão conferidas as ordens sacras e cada candidato fará livremente a escolha entre estas datas para a própria ordenação.

Esta nova norma, para cuja aplicação serão dados esclarecimentos mais amplos aos Estudantados Teológicos, tende a eliminar toda a forma de pressão moral e a favorecer uma responsabilidade mais pessoal e consciente para chegar às ordens sacras.

2 — Estudantes de Filosofia no P. A. S.

No próximo ano acadêmico serão admitidos para freqüentar a Faculdade de Filosofia do P. A. S. somente estudantes sacerdotes. Os clérigos que foram inscritos até o ano de 1969 poderão terminar os seus cursos.

IV. COMUNICAÇÕES

1 — Prorrogação dos votos temporâneos por um terceiro triênio

O Reitor-Mor pediu à Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares “a faculdade de prorrogar os votos temporâneos dos religiosos seus súbditos por três anos, além do sexênio concedido pelas Constituições”.

A S. Congregação concedeu ao Reitor-Mor a faculdade requerida até o próximo Capítulo Geral.

Os Inspectores que vissem a conveniência desta medida poderão fazer o pedido, caso por caso, ao Reitor-Mor, especificando os motivos do seu pedido.

2 — Nomeação de Bispo

Dom Aleixo Obelar foi eleito Bispo Titular de Monte Marano e Vigário Apostólico do Chaco Paraguai.

3 — Nomeação de Inspectores

Padre Alexandre Machuy para a Inspeção de Hong-Kong

Padre João Batista Colombini para a Inspeção de Bang-kok (Tailândia)

Padre Emilio Vallebuona para a Inspeção de Lima (Peru)

Padre José Vaccaro para a Inspeção de Cordoba (Argentina)

V. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Durante os três primeiros meses de 1969 o Conselho Superior, com a presença de todos os membros, em Turim, desenvolveu um amplo estudo sobre alguns problemas importantes que interessam neste momento à vida da Congregação

Divididos em quatro comissões, os Conselheiros prepararam várias relações sobre quatro grupos de temas, que foram sucessivamente estudados em reuniões plenárias do Conselho. Dada a complexidade dos problemas e a grande variedade das situações nem sempre se julgou oportuno chegar a conclusões definitivas, mas apenas se fixaram orientações gerais de solução. Parece oportuno apresentar em rápida síntese os principais assuntos colocados em discussão para que os Irmãos, informados, possam dirigir sua reflexão sobre o que tanto interessa à nossa vida e ao nosso apostolado.

* * *

A Comissão encarregada dos temas da vida religiosa propôs aos estudos do Conselho os modos de atuar praticamente a circular do Reitor-Mor sobre a pobreza. Foi indicado aos Conselheiros Regionais um programa para desenvolver em nível inspetorial e local a fim de assegurar mais larga aplicação dos princípios e das normas lembradas pelo Reitor-Mor no importante documento.

Um estudo aprofundado sobre a Instrução da Santa Sé "Renovationis Causam" deu ocasião para rever todos os momentos e todos os elementos do nosso currículo formativo. O Conselho Superior estudou de modo particular as reformas que poderão ser realizadas no menor prazo antes do Capítulo Geral e deu alguns esclarecimentos para uma interpretação autêntica do documento: os Conselheiros Regionais verão com os Superiores responsáveis os modos mais oportunos para aplicar tais indicações e critérios em cada lugar.

O problema tão gravemente sentido hoje das vocações foi visto à luz das últimas estatísticas, que são também para nós motivo de preocupações e responsável exame de consciência. Uma atenção especial é dirigida à individualização das causas da diminuição das vocações em nossos noviciados e também das perdas nos anos de formação depois do noviciado.

Como a situação das nações em que se estende a nossa Congregação é muito variada, foi reconhecida a necessidade de que o problema das vocações seja enfrentado com seriedade e com urgência em todos os níveis em cada uma das Inspetorias.

Identificadas com clareza para cada ambiente as razões da crise atual será mais fácil definir os remédios a aplicar às diversas situações.

Um conhecimento exaustivo e aprofundado sobre a vida espiritual dos Irmãos é necessário ao Conselho Superior para a obra da direção e animação da Congregação, principalmente neste período do Capítulo Geral Especial. Foi efetuada a respeito uma serena análise da situação que, enquanto levou a revelar carências e falhas próprias da nossa Congregação ou reflexos de um mal-estar mais geral, indicou também com segurança as possibilidades e os modos do nosso "aggiornamento". O primeiro da vida espiritual, como condição e premissa para toda a renovação de estruturas e de atividades, emergiu com evidência da análise da vida salesiana de hoje, juntamente com a exigência de restituir aos Irmãos entusiasmo e confiança na missão atual da Congregação.

* * *

A Comissão encarregada de estudar os problemas dos Estudantados Filosóficos e Teológicos realizou seu trabalho sobre uma dú-
plice linha.

Em primeiro lugar fez um exame sobre a situação concreta dos Estudantados na Congregação, demorando-se sobre os que mereciam uma particular atenção ou por necessidade de novos aparelhamentos materiais ou pelas experiências de colaboração com outros religiosos ou por outras razões de caráter local. Para cada caso foi projetada alguma solução para se definir em seguida em conjunto nas Conferências Inspetoriais e com os responsáveis das Casas de Formação.

Do exame particularizado das situações dos Estudantados passou-se ao estudo de alguns problemas de interesse mais geral. Considerou-se deste modo a interferência entre estudos profanos e a formação eclesiástica nos estudantados filosóficos, a situação incerta em que nos encontramos neste momento, com todas as suas conseqüências, para as reformas dos estudos eclesiásticos, a dificuldade de convi-

vências demasiado numerosas e demasiado estreitas, a situação do pessoal durante o tirocínio, a necessidade de tornar mais eficiente e mais bem organizados os treinamentos pastorais, a idade do Noviciado e a sua incidência sôbre a organização do nosso currículo formativo etc., etc.

Fêz-se uma reflexão mais atenta sôbre os resultados obtidos até agora na atuação do plano quinquenal para o pessoal das Casas de Formação: muitos Irmãos foram encaminhados para estudos especializados para êste setor mas resulta que no complexo, nem tôdas as Inspetorias corresponderam adequadamente a êste fundamental empenho para a preparação qualificada do nosso pessoal.

Para o acesso às Ordens Sacras nos Estudantados Teológicos foram tomadas deliberações indicadas em outra parte dos "Atos".

* * *

A terceira Comissão ocupou-se de algumas atividades e iniciativas de especial interêsse e atualidade na Congregação.

Em consideração ao trabalho que se está desenvolvendo com intensidade em tôdas as Inspetorias para a preparação do Capítulo Geral, procedeu-se à composição das 5 Comissões pre-capitulares centrais, formadas de elementos que deverão catalogar e elaborar o material proveniente dos Capítulos Inspetoriais e dali tirar os esquemas de base para o XX Capítulo Geral Especial. Foi também fixada a reunião das 5 comissões pre-capitulares para o período que vai de 30 de junho a 20 de agôsto mais ou menos e foram traçados os critérios gerais do trabalho. Para o que respeita a êste argumento veja-se a rubrica especial dos "Atos do Conselho", reservada desde êste número para o Capítulo Geral Especial.

A terceira Comissão interessou-se entre outras coisas, das últimas atividades do redimensionamento para aquelas Inspetorias que, dentro do que se refere à sua competência, terminaram seu trabalho.

Os documentos conclusivos, fruto do trabalho desenvolvido em nível local, inspetorial e central, foram enviados, com uma carta do Reitor-Mor, apresentada entre os documentos dêste número dos Atos, para as Inspetorias da Espanha e Portugal e as das Conferências Inspetoriais presididas pelo Padre Tohil.

Estão para ser ultimados os documentos conclusivos das outras Inspetorias Européias, enquanto as da América Latina serão redigidos na volta dos Conselheiros Regionais Padre Garnerero e Padre Castillo. Assim, dentro do ano em curso será concluída esta operação, expressamente pedida pelo Capítulo Geral.

Em atenção aos dados do XIX Capítulo Geral a terceira Comissão estudou e apresentou uma iniciativa que o Conselho Superior aprovou. Trata-se do Movimento intitulado “Terra Nova”. A iniciativa promovida pela nossa Congregação tende a preparar e animar Voluntários leigos, provenientes especialmente das nossas organizações, que operam em Grupos Comunitários de Serviço Social e em lugares de Missão. O caráter missionário da nossa Congregação, as necessidades sempre crescentes das nossas Missões, o espírito apostólico que a nossa educação quer dar aos jovens fazem desta iniciativa uma obra plenamente correspondente ao carisma da nossa Congregação.

* * *

A quarta Comissão elaborou algumas linhas de orientação para a sistematização de várias obras que, no plano de redimensionamento da Inspeção Central, deverão sofrer nos próximos anos adaptações às novas exigências apostólicas.

Foi também estudada a configuração que deverão assumir na Congregação as Visitadorias e as Delegações regionais, às quais até agora não se havia ainda dado uma posição precisa.

VI. DOCUMENTOS

1 — Prorrogação dos votos temporâneos por um terceiro triênio

SAGRADA CONGREGAÇÃO
DOS RELIGIOSOS
E DOS INSTITUTOS SECULARES

N.º 2513/69

Beatíssimo Pai,

O Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de S. João Bosco implora de Vossa Santidade a faculdade de prorrogar os Votos Temporâneos dos religiosos, seus súditos, por três anos, além do sexênio concedido pelas Constituições, pelos motivos expostos.

Que da graça etc.

Vigore facultatum a Summo Pontifice tributarum, Sacra Congregatio pro Religiosis et Institutis saecularibus, attentis expositis, annuit pro gratia iuxta preces usque ad proximum Capitulum Generale, servatis ceteris servandis.

Contrariis quibuslibet non obstantibus.

Datum Romae, die 13 martii 1969

(L. S.)
C. Addivinola Ad. a Studiis.

D. M. Huot, s. m. m.
Subs.

2 — Carta do Reitor-Mor aos Irmãos a fim de apresentar as conclusões do Redimensionamento

Caríssimos Irmãos,

O presente documento endereçado a todos vós oferece-vos as conclusões da operação "Redimensionamento".

É êle o fruto de uma colaboração vasta e capilar, e a sua redação recolhe e fixa sinteticamente os destaques e as propostas emersas no

nível das Casas, da Comissão Inspetorial de Redimensionamento, do Conselho Inspetorial, da Comissão Central de Redimensionamento, e enfim do Conselho Superior: êstes foram de fato os graus pelos quais passou sucessivamente o estudo do Redimensionamento.

É a primeira vez que todos os Irmãos e os órgãos diretivos da Congregação estiveram interessados em um comum exame de consciência e em uma reflexão empenhativa do XIX Capítulo Geral.

Não é portanto para se maravilhar de que a complexa operação tenha andado de encontro a incertezas, a deficiências técnicas, a visão nem sempre clara dos fins a atingir e dos caminhos a percorrer. Mas, com certeza, por tantos aspectos foi utilíssima: serviu antes de tudo para aumentar em nossa Congregação o senso da corresponsabilidade, hoje particularmente necessário em tôdas as comunidades religiosas e apostólicas.

Êstes documentos depois da aprovação do Conselho Superior, representam não tanto uma conclusão de todo o trabalho precedente, quanto um ponto obrigatório de referência sob o aspecto operativo.

Os destaques, as observações e as orientações nêle contidos por isso devem guiar o trabalho e o plano de ação da Inspetoria em cuja atuação está empenhada com o Inspetor e o seu Conselho, tôda a Inspetoria.

Desejo agradecer a todos os Irmãos, de modo especial as Comissões, pela colaboração neste primeiro exame geral e rogo a Deus para que dê fecundidade ao vosso esforço a fim de atuar suas orientações e deliberações.

Invoco sôbre cada um de vós a bênção de N. S. Auxiliadora, nosso Pai Dom Bosco vos acompanhe sempre.

(Padre Luís Ricceri)

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Estar no mundo, sem ser do mundo

Do Discurso pronunciado pelo Santo Padre Paulo VI, no dia 17 de fevereiro de 1969, falando aos pregadores e párocos de Roma.

Devemos antes de mais nada lembrar algumas idéias dinâmicas, hoje percorrendo tóda a Igreja, e que especialmente entre os eclesiásticos suscitam muita perturbação. A primeira delas refere-se à figura do padre. Esta é considerada quase sempre exteriormente, na sua posição sociológica, no quadro da sociedade contemporânea, a qual, como todos sabem, se acha tóda em movimento, tóda em transformação. O padre, que permanece no seu lugar, viu-se abandonado por sua tradicional comunidade; a seu redor fêz-se o vácuo, em muitos lugares; noutros mudou a clientela pastoral; difícil é aproximar-se dela, difícil entendê-la, difícil despertar o seu interesse pelas coisas religiosas, difícil reuni-la em comunidade harmoniosa, fiel e orante. Então o padre se interrogou: que está fazendo num mundo tão diferente daquêle que um dia assistia? Quem o escuta ainda? E como pode fazer-se escutar? O padre sentiu-se como um fenômeno social estranho, anacrônico, impotente, inútil, até ridículo. E eis então a idéia nova e dinâmica: é preciso fazer algo, importa tudo arriscar para novamente aproximar-se do povo, para compreendê-lo, para evangelizá-lo. Em si a idéia é ótima; e nós vemos que ela brotou da caridade do coração desolado do padre, que se sentiu excluído do mundo histórico, social e humano em que se devia encontrar como personagem central, mestre e pastor; nêle, porém, tornou-se forasteiro, solitário, supérfluo e objeto de zombaria. Fizeram-se intoleráveis a inconveniência e o sofrimento dessa sorte. O sacerdote procurou inspiração e energia na profundidade e na essência de sua vocação. E preciso mexer-se, disse, e retomar a "missão"; e talvez até o tenha dito com prejuízo da celebração do culto divino e da administração normal dos sacramentos. Idéia ótima, dizemos, e sinal de altíssima consciência sacerdotal. O sacerdote não é para si, mas para os outros; o sacerdote deve correr atrás dos homens para torná-los fiéis e não apenas ficar esperando que os homens venham a êle; se a sua Igreja se esvaziou, êle deverá sair "pelas praças e ruas da cidade" em busca dos

pobres, e depois até “pelos caminhos e veredas” e forçar os convidados assim reunidos a entrarem (cf. Lc 14,21-23). Essa urgência apostólica impele os corações de muitos sacerdotes cujas igrejas se tornaram desertas. E se isso assim ocorre, como não admirá-los? Como não lhes dar nosso apoio?

Aperfeiçoar as formas tradicionais de apostolado

Mas prestemos atenção, justamente por causa do caráter experimental e positivo do apostolado. Primeiro: nem sempre as coisas se passam desta forma. Ainda existem comunidades compostas de numerosíssimos fiéis e desejosas de observância regular: por que deixá-las? Por que mudar para elas o método do ministério, quando este é ainda autêntico, válido e magnificamente fecundo? Não causaríamos um mal à fidelidade de tantos bons cristãos para tentar aventuras de incerto sucesso? E, segundo, quando basta abrir uma nova igreja e acolher com amorosa solicitude as pessoas que para aí espontaneamente acorrem, ávidas da palavra divina e da graça sacramental, por que imaginar formas novas e estranhas de apostolado de duvidosa eficácia e talvez de precária duração? Não convém antes aperfeiçoar as tradicionais, e fazê-las reflorescer, como nos ensina o Concílio, com realismo pastoral, com nova beleza e nova eficácia, antes de experimentar outras, muitas vezes arbitrárias e de não seguro resultado, ou restrito a grupos particulares e separados da comunhão do povo fiel? Oh! não esqueceremos a palavra de Jesus, recomendando-nos deixar as noventa e nove ovelhas no aprisco a fim de ir em busca da única que se tresmalhou (cf. Lc 15,4); e isto especialmente se a proporção, como hoje acontece em determinadas situações, fôsse a inversa, ou seja, uma só ovelha no aprisco e noventa e nove tresmalhadas. Mas sempre nos servirá de guia o critério da unidade e da totalidade de nosso rebanho, o critério de amor pastoral e da responsabilidade que temos para com as almas e seu inestimável valor.

É preciso prestar atenção. A necessidade, ou melhor o dever, da missão eficaz e inserida na realidade da vida social, pode produzir outros inconvenientes, como o de menosprezar o ministério sacramental e litúrgico, como se fôsse um freio e empecilho ao da evangelização direta do mundo moderno; ou então aquêle, hoje muito difundido, de pretender fazer do padre um homem como qualquer outro, na vestimenta, na profissão profana, na freqüência aos espetáculos, na experiência mundana, no engajamento social e político, na formação de família própria abdicando ao sagrado celibato. Fala-se de querer assim integrar o sacerdote na sociedade. É assim que deve ser entendido o significado da magistral palavra de Jesus que deseja que estejamos no mundo, mas não sejamos do mundo? Não chamou Ele

e escolheu os discípulos, aquêles que deviam estender e continuar o anúncio do Reino de Deus, distinguindo-os e até separando-os do modo comum de viver, e pedindo-lhes que deixassem tudo para segui-lo, a Ele só? Todo o Evangelho fala desta qualificação, desta “especialização” dos discípulos que depois deviam exercer o múnus de apóstolos. Jesus separou-os, não sem um radical sacrifício da parte dêles, de suas ocupações corriqueiras, dos seus interesses legítimos e normais, de sua assimilação ao ambiente social, dos seus afetos sagrados; e os quis a Si dedicados com doação integral, com um compromisso sem reticências, insistindo é certo na sua livre e espontânea resposta, mas desde logo anunciando-lhes uma total renúncia, imolação heróica. Ouçamos de nôvo o inventário de nossos desapegos, dos lábios mesmos de Jesus: *“Omnis, qui reliquerit domum, vel fratres aut sorores, aut patrem aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum...”* (Mt 19,29). E os discípulos tinham consciência desta sua pessoal e paradoxal condição; pois dizia Pedro: *“Ecce nos reliquimus, omnia, et secuti sumus Te”* (ib. 27). O discípulo, o apóstolo, o sacerdote, o autêntico ministro do Evangelho pode, socialmente, ser um homem como os outros homens? Pobre como os outros, sim; irmão dos outros, sim; servo do próximo, sim; vítima para os demais, sim. Mas ao mesmo tempo, dotado de uma função altíssima e especialíssima: *“Vos estis sal terrae... Vos estis lux mundi!”* E é claro, se tivermos a noção da composição orgânica do corpo eclesial; a tal respeito não poderia São Paulo ter sido mais explícito: *“Corpus non est unum membrum, sed multa... Quod si essent omnia unum membrum, ubi corpus? Nunc autem multa quidem membra unum autem corpus...”* (1 Cor 12,14-21ss).

A diversidade das funções é princípio constitucional na Igreja de Deus; a ela se refere em primeiro lugar o sacerdócio ministerial; cuidemos para não perder esta função específica por um mal-entendido propósito de assimilação, de “democratização”, como se diz hoje, na sociedade ambiental: “Se o sal perder a sua fôrça, com que lhe restituiremos o seu sabor? Para nada mais serve senão para ser jogado fora e pisado pelos homens” (Mt 5,13). São palavras do Senhor, que devem levar à reflexão para o discernimento necessário na aplicação da fórmula que lembramos: estar no mundo, mas não ser do mundo. A falta dêsse discernimento, do qual tanto nos falaram a educação eclesiástica, a tradição ascética e o direito canônico, pode justamente obter o efeito contrário àquele que um seu incauto abandono nos tinha feito esperar: a eficácia, a renovação, a modernidade. De fato pode assim ser anulada a eficácia da presença e da ação sacerdotal no mundo; justamente a eficácia que se pretendia alcançar ao reagir imprudentemente à separação do sacerdote do resto da sociedade. Anulada, na estima e confiança do povo, e pela exigência

prática de dedicar a ocupações profanas e afeições humanas: tempo, coração, liberdade, superioridade de espírito (cf. 1 Cor 2,15) que apenas o ministério sacerdotal poderia reivindicar para si.

Propósitos generosos e sugestões errôneas

De nôvo afirmamos, irmãos veneráveis e caríssimos: é preciso prestar atenção. Este desejo de inserir o sacerdote no complexo social, em que se passa a sua vida e se exerce o seu ministério, é bom; mas do propósito generoso de sair do envólucro de uma condição cristalizada e privilegiada, pode vir a traduzir-se numa sugestão errônea gravíssima, que poderá paralisar a vocação sacerdotal naquilo que esta possui de mais íntimo, mais carismático e fecundo; e pode demolir num só golpe o edifício da funcionalidade pastoral. Como também pode expor sacerdotes bons, especialmente jovens, aos influxos das correntes mais discutíveis e perigosas de mentalidades estranhas na moda; pode dessa forma torná-los vulneráveis exteriormente e expô-los à aceitação exagerada e incontrolada das idéias alheias. O gregarismo ideológico e prático se tornou contagioso. Num relato sério sobre os fatos de maio passado no ambiente universitário francês liamos: *“On a signalé aussi l'imprégnation de la mentalité maoïste chez certains aumôniers d'étudiants”*.

As “estruturas” da Igreja

É preciso prestar atenção. Uma outra idéia dinâmica, também ela louvável em si, mas muitas vezes descontrolada na sua formulação e explosiva na problemática aplicação é a das assim chamadas “estruturas”. Não se sabe bem qual o significado atribuído a este termo na linguagem eclesiástica, especialmente quando se quer conservar o devido respeito à obra de Cristo, à Igreja tal como é, em seu plano constitucional, em seu patrimônio doutrinal, em sua elaboração tradicional, instrumento e sacramento da salvação. Mas há uma fórmula que predomina: é preciso mudar as estruturas? Isto é possível? É lícito? É útil? Parece-nos que às vezes o sonho irreal de uma Igreja invisível, ou a louca esperança de poder eliminar as dificuldades e a materialidade da Igreja-instituição, para conservar um cristianismo puro, de vaga e livre concepção, ou a temerária utopia de fazer surgir uma Igreja de invenção própria, não permitem refletir na superficialidade de semelhante ambição, especialmente se a mudança de estruturas tem como propósito começar por destruir, e não por reformar, as que existem e se lhe falta, a esta iniciativa, autoridade e experiência para tão grave operação. Sob o véu transparente de um

abstrato nominalismo almejam-se então novidades subversivas, sem levar em conta duas coisas que nos deveriam recomendar sabedoria e prudência: a primeira, que a modernização das estruturas, melhor dizendo, da legislação eclesial já está em vias de realização; para ser sadia, contudo, vital e promovida pela corresponsabilidade de quem sabe e pode, exige estudo e paciência, aos quais nós, em primeiro lugar, procuramos dar impulso, especialmente com a revisão do Código de Direito Canônico; a segunda, que as estruturas, objeto de contestação, de forma alguma são contrárias aos efeitos intencionados por sua mudança. Quem conhece a Igreja por dentro, não o ignora: e embora lamentando certos defeitos inegáveis, vê como o amor e a obediência, a confiança e o zelo podem muito bem reanimar o tronco, tal como o de velha oliveira, das antigas estruturas por uma nova vegetação de genuína vitalidade cristã. Mas é assim: querem mudar as estruturas. E muitos, quando o dizem, pensam no aborrecimento representado pela autoridade na Igreja. Querem aboli-la, e não o podem; querem que ela derive da comunidade, e com isso se contraria uma característica constitucional da Igreja que Cristo intencionou apostólica; querem-na serviço, e está bem, contanto que tal serviço seja, como se deve, o do poder pastoral; querem ignorá-la, mas como continuará autêntico um cristianismo sem magistério, sem ministério, sem unidade e poder que derivem do Cristo? (cf. Gál 1,8-9; 2 Cor 1,24; 2 Cor 10,5 etc.; Santo Inácio de A., aos Magnesianos, c. IV). A autoridade na Igreja! Para quem experimenta o seu grave peso, e não lhe ambiciona a honra, é difícil fazer sua apologia! Basta-nos por ora têmos feito esta modesta defesa.

União na fé, caridade e na disciplina

Nosso discurso já se está alongando sem que ainda vos tenhamos falado daquilo que agora mais nos importa: a renovação do complexo das relações dentro de nossa Igreja. Gostaríamos que ainda hoje a diocese de Roma tivesse o primado da caridade (cf. Santo Inácio, aos Romanos, Prólogo); e louvamos e encorajamos todos os que dentre vós operais por dar consistência à nossa comunidade romana, para inspirar-lhe amizade, bondade, concórdia, mútua estima e confiança, prestimosa colaboração. Desejamos que “non sint in vobis schismata” (1 Cor 1,10); pode haver disparidade de opiniões práticas, diversidade de livres juízos, variedade de pesquisas científicas, multiplicidade de iniciativas pastorais, novidade de boas instituições etc.; mas ao mesmo tempo e sobretudo deve entre nós reinar a unidade de fé, de caridade e disciplina. Vê-de, caríssimos, como o estilo de nosso governo eclesial quer ser pastoral, ou seja, quer ser guiado pelo dever e pela caridade, aberto à compreensão e à indulgência, exigente da leal-

dade e no zêlo, mas paterno e fraternal e humilde no sentimento e nas formas. Sob êste aspecto, com o auxílio do Senhor, gostaríamos de ser amado. Desta forma, reconhecei-nos e ajudai-nos. E vós também, sacerdotes antigos ou revestidos de algum officio responsável, buscai compreender os vossos co-irmãos, os que por obrigação colaboram convosco, em particular os sacerdotes jovens. E êstes, queridos, os nossos sacerdotes jovens, saibam que são benquistos e estimados; e usem do diálogo para estabelecerem com seus superiores relações de sinceridade e confiança, sem porém tirar ao que dirige a responsabilidade e liberdade de deliberar e sem se privarem do mérito da obediência. É num esforço de comum obediência que se realiza e celebra entre nós o mistério redentor da obediência de Cristo. Demos vida às novas instituições eclesiais prescritas pelo Concílio: o Conselho Presbiteral e a Comissão Pastoral; concedamos aos problemas diocesanos um interêsse solidário e atividade renovada e generosa; em suma, façamos da caridade, em seu carisma interior de graça e amor, e no seu exercício externo de serviço e tôda necessidade dos irmãos e da sociedade, às necessidades dos pobres especialmente, aos problemas da classe operária e estudantil, à causa de Cristo, em suma, o nosso programa quaresmal, a fim de que todos possamos celebrar e reviver em plenitude de fé e alegria o mistério pascal. Para isso vos conforte a nossa Bênção Apostólica.

2. A difícil relação jovens-adultos, hoje

Do Discurso do Santo Padre pronunciado a 10 de fevereiro de 1969

Gostaríamos chamar a atenção sôbre o fenômeno preocupante e tão generalizado da inquietação, da contestação que caracteriza o mundo juvenil em geral, e o mundo da Escola em particular, e que torna tão difícil hoje a relação jovens-adultos.

Missão de serviço

Não é difícil perceber nesse fenômeno um reflexo da crise de autoridade, que agita o mundo moderno. Em semelhante clima, não pode não ser ameaçada também a Escola e a sua mesma dignidade. Compreende-se então a atitude cética e crítica, para não dizer totalmente desprezadora, de um certo grupo de jovens de hoje diante daqueles que têm a delicada tarefa de instruí-los e educá-los. Por isso, nunca como hoje, o professor deve sentir a obrigação de salvaguardar êste autêntico e fundamental valor de sua tarefa de mestre e edu-

cador, sem entregar-se à desconfiança e ao desânimo, mas dando à sua tarefa tóda a carga consciente de missão de serviço da qual ela necessita.

Parece-nos entretanto, que a atual agitação juvenil, mesmo nas suas múltiplas e muitas vêzes desconcertantes manifestações, contenha nos ânimos dos estudantes melhores, também fermentos de exigências que poderão tornar-se úteis e fecundos, se encontrarem nos adultos maior confiança e atenção. Não se pode negar que muitos problemas que os jovens expõem muitas vêzes com tanta violência e aspereza, são problemas reais. Não se podem dizer totalmente ilegítimos os protestos contra certas formas excessivas e irrazoáveis do autoritarismo, o desejo dos jovens de sentir-se elementos mais ativos e em certa medida responsáveis na vida social, e nem sequer a aspiração a uma participação maior na vida da Escola e por isso a um espaço maior concedido à iniciativa estudantil. O fenômeno atual, portanto, deve ser estudado com atenção, firmeza, humildade e paciência. Sem condescendências para os excessos e as intemperanças e sem renunciar à sua missão específica de educador, os adultos devem saber dar lugar a um diálogo fraterno com os jovens inspirado na caridade e na compreensão; só escutando seriamente e serenamente as suas propostas, poder-se-á pedir dêles de manter nos limites do razoável as suas exigências, e assim canalizar útil e construtivamente o rico patrimônio das suas energias.

Colaboração dos pais

Um outro problema desejamos ainda sublinhar.

Como professôres católicos, numa prospectiva de renovação das estruturas escolares, não podemos desconhecer o necessário relacionamento entre a escola e a família em vista de uma continuidade na educação. A família, tendo como finalidade a procriação e a educação dos filhos, possui por isso mesmo, uma prioridade de natureza e por conseguinte uma prioridade de direito-dever no campo educativo com relação à sociedade. Ela não deve e não pode renunciar a êsse direito. Por isso é necessário que, ao lado dos professôres e dos alunos, também as famílias estejam presentes na escola e responsáveis pela orientação educacional da comunidade escolar. Até nossos dias, infelizmente, a família na Itália esteve quase praticamente ausente da escola. Não sempre foi pedida a colaboração consciente dos pais; e mesmo quando foi colocado o problema do relacionamento entre as duas instituições, foi colocado mais sôbre um plano de interêsse prático ou puramente cultural, do que sôbre interêsse educativo. Fazemos votos que a vossa União chame eficazmente a atenção das famílias e das

autoridades responsáveis sôbre este problema e se este intercâmbio de energias vitais puder dar-se também no plano da concepção cristã da vida, então os resultados assumirão uma importância particular para o bem comum, porque de um modo mais interior e mais unitário se favorecerá a formação do homem, do cidadão e do cristão.

Contribuição do educador cristão

Nosso problema fundamental para a vossa presença católica eficaz na escola permanecerá sempre no testemunho da vossa fé: fé autêntica, fé viva, fé conhecida, amada, vivida, como o concílio exige de todo leigo no âmbito da sua profissão para a animação cristã da sociedade. Daqui a importância da vossa pessoal formação espiritual, a qual integra, aprofunda, aviva a formação pròpriamente cultural. Um professor não poderia nunca considerar-se à altura das suas responsabilidades, se, embora preparado culturalmente, limitasse a sua obra à instrução pròpriamente dita, e se sentisse menos empenhado na responsabilidade mais vasta e mais profunda da educação. E quem, então, melhor do que o professor católico, poderá cumprir essa missão? Iluminado pela fé, sòmente êle estará em condições de compreender plenamente tóda a dignidade pessoal do seu aluno, e por conseguinte todo o valor, a santidade e a responsabilidade de sua missão educativa. Num momento em que se verifica uma explosão de escolaridade, aumenta de muito o número de professores, a necessidade de educadores verdadeiramente bons e cristãos é, assim nos parece, a mais premente que hoje tenha a Escola italiana. Nós pensamos por isso que essa formação constitui a contribuição preciosa e original que o professor católico pode oferecer hoje à Escola.

3. A missão dos jovens no mundo de hoje

Discurso pronunciado pelo Santo Padre a 30 de março de 1969

Jovens! Filhos e amigos caríssimos!

A vós hoje se dirige, com intenção particular, a nossa palavra.

A vós que escutais. Sim existe uma juventude que escuta também a voz da Igreja. Escuta-a não tanto porque conduzida a esta Cátedra pelo hábito, pela obediência, pela multidão, mas porque uma esperança a conduz até aqui. A esperança de uma revelação, de uma intuição, de um jato de luz que ilumina o panorama da vida, que faça ver onde estamos e por onde devemos andar. Que sirva de orientação.

Respondei-me, caríssimos jovens: não percebeis em vós mesmos esta necessidade de clareza, esta necessidade de saber se e qual objetivo, que valor, qual o ponto de chegada mereça dar sentido e direção à vossa vida?

Vivacidade exuberante

Existe hoje na juventude, todos nós o sabemos, e vós talvez tenhais experiência, uma grande inquietação, uma grande vivacidade de fôrças e de aspirações, que explode em formas exuberantes e muitas vêzes violentas; e quase sempre contra alguma coisa: contra os modos de viver e de pensar dos outros, contra os costumes de ontem, contra as leis de hoje, contra as instituições herdadas do passado. Sim, uma prepotente necessidade de novidade, de originalidade, de liberdade impulsiona a alma juvenil, e hoje muitas vêzes em forma de revolta. A vitalidade dos jovens se exprime em sentido negativo e quase se deleita nas desordens que sabe provocar e nos problemas que sabe levantar, mais do que no sentido positivo de sua irrupção no contexto social, que a opinião pública qualifica de ordem estabelecida. Os movimentos juvenis impugnaram este estado de coisas, com vigor tão convicto quanto despreocupado e desconhecedor daquilo que deve prática e sãbiamente substituir. É o grande problema desta hora de perturbação ideal e social. Mas não é disto que nós queremos agora falar. Acenamos só para que saibais que também a Igreja está atenta, vê e considera com amorosa e perplexa vigilância o grande fenómeno da agitação juvenil, e tem no coração muitas coisas para dizer e fazer a este respeito.

Missão a cumprir

Neste momento, todo perpassado pela celebração do mistério pascal e agora empenhado todo na evocação do fato evangélico que vós bem conheceis, da entrada clamorosa e festiva de Jesus em Jerusalém, no meio do hosana da turba imensa, vinda à cidade Santa por ocasião da Páscoa, que o aclama Filho de Davi (Mat, 21,9), e Rei de Israel (João 12,13), isto é, o Messias, a Personagem misteriosa, anunciado pelos Profetas, esperado através dos séculos, revestido da autoridade e do poder de desvendar e realizar os prodigiosos destinos do povo eleito, neste momento, dizemos, em que há também para nós algum segredo a manifestar, algum acontecimento a anunciar, alguma renovação a inaugurar, um pensamento só nós vos comunicamos. Um pensamento, no qual condensamos tantas reflexões nossas, um pensamento que nos parece ter um valor profético, e que diz respeito a

todos os que crêem mas especialmente a vós, jovens. Escutai bem. O pensamento é este: toca aos jovens, hoje, revelar o mundo que Cristo, o Cristo verdadeiro, o Cristo sempre vivo na Igreja que o proclama, o personifica o comunica, Cristo, afirmamos, é o Salvador do mundo.

Toca aos jovens, a vós, filhos e amigos caríssimos. Vós tendes uma missão. Vós tendes uma missão a cumprir nesta nossa sociedade, tão exuberante de riquezas de energias, de maravilhas, mas também tão desorientada com relação aos verdadeiros e insubstituíveis fins e tão corroída pela dúvida e tão cega nos caminhos bons da felicidade; tão organizada e tão ameaçada pela sua mesma organização; tão cheia de esperanças e de ansiedades, e no fundo tão desesperançada, cética e desesperada; tão refinada em tôdas as suas manifestações e ao mesmo tempo tão passional e corrompida. Vós, afirmamos, filhos do nosso tempo, sensibilíssimos à sua linguagem, ao seu gênio, ao seu espírito; mas puros, pensamos nós, das suas contaminações; vós adolescentes, vós jovens maduros, prodigiosamente belos, deliciosamente intactos, voluntariamente simples, lógicos, retos; vós física e moralmente fortes, vós jucundos e vivazes, vós livres e dóceis; vós não intolerantes, mas acolhedores da sabedoria de vossas famílias; vós crescidos na fé e na oração; vós, numa palavra alunos de Cristo. Sim, vós tendes a missão de anunciar ao nosso mundo de hoje o Messias verdadeiro, o Cristo autêntico, o Salvador insubstituível. Vós deveis mostrar aos homens do nosso tempo a face luminosa de Cristo, luminosa pelo mistério profundo da sua real divindade e pelo mistério evidente da sua incomparável humanidade. É a face do Filho de Deus, é a face do Filho do Homem, é o protótipo da humanidade; é o Mestre, o Irmão, o Chefe; o Profeta no qual ainda todos podemos confiar; e depois por um drama trágico e suavíssimo, do qual não podemos subtrair-nos, Ele é o homem das dores, Ele a vítima de tôda maldade humana; Ele o Redentor; Ele o amor que se sacrificou inocente; Ele a vida em si; Ele a morte por nós; e digamos a última palavra Ele o Ressuscitado pela nossa salvação: "propter iustificationem nostram" (Rom, 4,25).

Mas vós direis: esta mensagem está reservada aos apóstolos, aos ministros do Evangelho, aos mestres da Igreja. Sim esta é a sua função específica, o seu ministério. Hoje porém, agora, esta é também a vossa mensagem! Esta é a novidade do nosso tempo; este é o indício da primavera da idade presente; este é o ato de confiança que a Igreja deposita no laicato católico, deposita em vós jovens de maneira especial! Recordai o Concílio: "Os jovens exercem uma influência da maior importância na sociedade moderna... este crescimento da sua importância na vida social exige deles uma atividade apostólica, dispondo-os a tanto igualmente sua índole natural... tam-

bém as crianças têm sua atividade apostólica própria” (Apostolicam actuositatem, n. 12).

Testemunho cristão

Vós nos direis ainda: mas como fazemos nós para cumprir semelhante missão tão delicada, tão difícil, tão impopular? Sim tendes razão ao apontar a dificuldade do testemunho cristão na nossa sociedade. Mas prestai mais uma vez atenção. A vós jovens agradam as coisas fáceis ou as coisas difíceis? A vossa simpatia é para os fracos, os medrosos, os oportunistas, os vís; ou para os fortes, os corajosos, os heróis? Quereis que a vossa vocação cristã hoje vos forme tímidos, débeis, egoístas ou cheios de energia consciente, de ardor voluntário? não foi talvez uma lacuna de certa educação que confundiu bondade com fraqueza, piedade com respeito humano, fé cristã com interêsse particular?

Afinal: que se pede de vós? milagres, ações extravagantes ou altissonantes? Não, pede-se que sejais o que sois: jovens e católicos. Repetímo-lo com um autor alemão: “Cristão, sê cristão”. Verdadeiro, autêntico, dinâmico, cheio de ardor, de fantasia, de amor. Isto é daquela juventude cristã que a Igreja, faz um século, está suscitando, recrutando, abençoando.

E ainda mais; e assim concluimos. O Testemunho cristão do qual estamos falando, é um *ato* pessoal. Deve partir de dentro, livre e consciente do próprio coração. Mas é ao mesmo tempo um *fato* coletivo. Não estais sós. Estais unidos. Sois muitos. E mais ainda sois amigos, estais de acôrdo. Vós formais um cõro, formais uma falange e convosco está a Igreja. Com suas associações, com seu sentido comunitário com a sua amorosa assistência.

É Cristo Senhor, que inspira a vossa afirmação solidária, e que certamente, como já no Evangelho, se alegra com a vossa homenagem coral e profética. Ela não poupará talvez a Cristo, ainda hoje, o drama da sua paixão sempre premente; mas assim o mundo saberá, para sua condenação e para sua esperança, que ela, a paixão de Cristo, é aquela do nosso comum e insubstituível Salvador.

4. — Sofrer e amar com a Igreja

Do Discurso do Santo Padre pronunciado a 2 de abril de 1969

Filhos caríssimos, compreendi-nos (cfr. 2 Cor, 7,2). A Igreja, nesta misteriosa liturgia, é tomada de um pesar imenso. Lembra,

recorda nos seus ritos, revive nos seus sentimentos a Paixão de Cristo. Ela mesma toma consciência disto, sofre, chora. Não perturbeis o seu luto, não distraiais o seu pensamento, não zombeis do seu remorso, não chameis de loucura a sua agonia. Vós também cercai com vosso silêncio o grito das suas dores; tende compaixão dela; honrai-a com a participação no seu altíssimo e espiritual sofrimento.

A êste convite, que todo fiel sente ressoar no seu coração neste momento grande e amargo “*dies magna et amara valde*”, como soluça com lírica emoção a liturgia, podemos acrescentar duas considerações.

A primeira, como é nosso costume, nestes encontros familiares semanais, nos leva aos ensinamentos do Concílio. Foi com justiça notado que desde o Concílio se difundiu na Igreja e no mundo uma onda de serenidade e de otimismo; um cristianismo confortante e positivo, poderíamos dizer; um cristianismo amigo da vida, dos homens, dos mesmos valores terrestres da nossa sociedade, da nossa história. Poderíamos quase ver no Concílio uma intenção de tornar aceitável e amável o cristianismo, um cristianismo indulgente e aberto, despido de todo rigorismo medieval e de tóda interpretação pessimista dos homens, dos seus costumes, das suas mudanças e das suas exigências. Isto é verdade. Mas prestemos atenção. O Concílio não esqueceu que a Cruz está no centro do cristianismo. Também êle foi rigorosamente fiel à palavra de São Paulo: “Que não se torne vã a cruz de Cristo”: *ut non evacuetur crux Christi*” (1 Cor, 1,17); também êle como o Apóstolo, disse a si mesmo: “Não julguei saber entre vós nada senão Jesus Cristo e êste crucificado” (1 Cor, 2,2). Poderíamos lembrar como as grandes linhas teológicas místicas e ascéticas da associação dos fiéis à paixão do Senhor pervardem as páginas dos documentos conciliares (vejam-se por exemplo aquêles da grande Constituição dogmática sôbre a Igreja, *Lumen gentium*, nn. 7, 8, 11, 34, 49...); é suficiente esta citação: “Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação...” (ib., n.º 8).

Coragem e esperança

E aqui se apresenta ao nosso espírito uma segunda consideração, consequência da primeira, isto é, da relação entre o Cristo que sofre e a sua Igreja, entre a Cabeça e o Corpo místico, entre o Evangelho da paixão do Senhor e a história dolorosa da Igreja. A Paixão do Senhor, digamos mui brevemente, repercute na Igreja não só pelo testemunho que ela dá com a sua pregação e a sua doutrina; não só

pela imitação que o exemplo heróico e magnânimo de Cristo reflete sôbre os cristãos e os move a segui-lo (cf. *Abelardo*); não só pela comunicação sacramental, que aplica aos fiés a semelhança mística com a morte e ressurreição do Senhor (cf. Rom, 6,3); mas em certo sentido se renova, se reproduz, repete-se; e não só em cada um dos seguidores de Cristo (cf. Col, 1,24: “Eu vou completando — escreve São Paulo — na minha carne aquilo que falta ao sofrimento de Cristo”), mas na Igreja inteira considerada como comunidade, como complexo dos membros de Cristo como vida dêle prolongada na história; e por isso se perpetua.

Perpetua-se e dura ainda e nesta ocorrência pascal, a Igreja, mais do que em outro momento, toma consciência de suas próprias dores, saboreia-as, sofre-as, aceita-as humildemente e procura santificá-las e tirar delas o documento de sua identidade com Cristo Senhor e Mestre, do seu amor desejoso de fundir a suas penas com aquelas do crucificado (cf. o tema do *Stabat Mater*), e transformar as próprias humilhações e as próprias derrotas em merecimento de penitência, de purificação, de redenção. De maior virtude, de maior coragem, de maior esperança.

O Senhor nos prova

É assim? A Igreja hoje sofre? Filhos, Filhos caríssimos! Sim, hoje a Igreja está passando por grandes sofrimentos! É possível? Depois do Concílio? Sim, depois do Concílio! O Senhor nos prova. A Igreja sofre, vós o sabeis pela opressora falta da legítima liberdade em tantos Países do mundo. Sofre pelo abandono da fidelidade de tantos católicos, fidelidade que a tradição secular lhe deveria trazer, e o esforço pastoral, cheio de compreensão e de amor lhe deveria obter. Sofre principalmente pelo levante inquieto, crítico, idócil e demolidor de tantos filhos seus, os prediletos — sacerdotes, mestres, leigos, dedicados ao serviço e ao testemunho de Cristo vivo na Igreja viva, — contra a sua íntima e indispensável comunhão, contra a sua existência institucional, contra a sua lei canônica, a sua tradição, a sua coesão interna; contra a sua autoridade, insubstituível princípio de verdade de unidade, de caridade; contra as suas mesmas exigências de santidade e de sacrifício (cf. Boyer, *La décomposition du catholicisme*, 9968); sofre pela deserção e pelo escândalo de certos eclesiásticos e religiosos que hoje crucificam a Igreja.

Caríssimos filhos, não nos recuseis a vossa solidariedade espiritual e a vossa oração. Não vos deixeis tomar pelo medo, pelo desânimo, pelo ceticismo nem menos ainda pelo mimetismo que hoje através da sugestão dos meios de comunicação social, faz vítimas no

meio de tantos espíritos fracos e impressionáveis e algumas vezes também entre os espíritos fortes e jovens. Mas sofrei e amai com a Igreja. Com a Igreja trabalhai e esperai.

5. Exortação à unidade interior da Igreja

*Do Discurso pronunciado pelo Santo Padre na Quinta-Feira Santa,
3 de abril de 1969*

Fala-se tanto de unidade no mundo. A história da humanidade apesar das quebras, das lutas, das disparidades que a dividem, caminha para a unidade: chegará? Ou será uma luta inútil o esforço para a solidariedade mundial? E se chegasse lá, seria sua felicidade, ou desventura por causa da “única dimensão” que poderia assumir, isto é, a perda das suas livres e múltiplas expressões? A humanidade tem necessidade de unir-se na solidariedade e no amor: e onde encontra o tipo e a fonte?

Fala-se de unidade no pluralismo das denominações cristãs; e quando esta unidade se poderá chamar efetiva e perfeita, senão, quando se tornará unânime na confissão de uma fé única, condição indispensável para a participação de uma mesma comunhão Eucarística?

Tendências centrífugas

Fala-se de uma renovação na doutrina e na consciência na Igreja de Deus; mas como poderá ser autêntica e persistente a Igreja viva e verdadeira se a estrutura que a forma e a define “corpo místico” espiritual e social, é hoje muitas vezes e tão gravemente corroído pela contestação e pelo esquecimento da sua estrutura gerárquica, contrafeita no seu divino e indispensável carisma constitutivo que é a autoridade pastoral? Como pode arrogar-se ser Igreja, isto é, povo unido, embora geograficamente dividido e histórico e legitimamente diversificado, quando um fermento praticamente cismático a divide, subdivide-a, reparte-a em grupos ciosos, no fundo, de uma autonomia arbitrária e egoísta, disfarçada em pluralismo cristão ou em liberdade de consciência? Como poderá ser construída por uma atividade que deveria chamar-se apostólica, quando esta é voluntariamente guiada por tendências centrífugas, e quando desenvolve não a mentalidade do amor comunitário, mas a da polémica individualista, ou quando prefere perigosas e equivocadas simpatias, carentes de irreduzíveis reservas às amizades fundadas sobre princípios básicos e indul-

gentes para com os defeitos comuns e necessitadas de convergentes colaborações.

Espírito de caridade

Fala-se ainda de Igreja, e de Igreja católica, a nossa: mas podemos nós dizer a nós mesmos que ela, nos seus membros, nas suas instituições, na sua operosidade está verdadeiramente animada por aquele sincero espírito de união e de caridade, que a torna digna de celebrar, sem hipocrisia e sem costureira insensibilidade a nossa santíssima Missa cotidiana? Não há também entre nós aqueles “*schismata*” aquelas “*scissuras*”, que a primeira carta de São Paulo aos Coríntios, hoje nossa leitura mestra, dolorosamente denuncia? (1 Cor, 1,10; 12,25; 11,18). Temos sempre necessidade de construir aquela caridade, aquela unidade virtuosa de sentimentos e relações, que a Eucaristia sublimará nas palavras do testamento de Cristo (cf. Jo, 13,34-35; 17,21; etc.).

E aqui, neste momento que precede imediatamente a nossa comunhão com Cristo unificador de nós seus sequazes e seus membros, renovemos o nosso modo interior de pensar e de agir (cfr. Ef., 4,23); renunciemos ao espírito de emulação e de discórdia, à sutil tentação da maledicência entre nós irmãos; e, se fôr necessário, abramos os ânimos ao perdão para aqueles que nos tivessem feito injustiça, assim como prometamos reconciliação com aqueles a quem se deve restituir a relação de uma conversação humana (cf. Mat, 5,23): como nos poderíamos aproximar do banquete cristão da caridade e da unidade sem esta paz no coração?

Uma graça pedimos hoje a Jesus Cristo: que dê à sua Igreja, a esta Igreja de Roma chamada a “Presidir à caridade” (S. Inácio, *Epist. ad Romanos, Inscript.*, Ed. Funk, *Patres Apostolici*, pág. 222), de conservar-se e aperfeiçoar-se sempre na sua própria unidade interior, como exige a Páscoa do Senhor. Assim seja.

VIII. SALESIANOS DEFUNTOS

Padre Egisto Amati

★ em Monte Grimano (Pesaro-Itália) a 5-1-1895, † em Buenos Aires (Argentina) a 30-1-1969 com 74 anos, 55 de profissão e 44 de sacerdócio. Foi Diretor por 24 anos.

Com modéstia e sacrifício pessoal era sempre o animador silencioso das obras que lhe eram confiadas. Utilizou a música, o canto, o teatrinho, como válidos subsídios da sua missão educativa. Por tantos anos Diretor, foi Pai solícito e cuidadoso dos salesianos e dos alunos que o amavam sinceramente.

No último decênio foi muito estimado como confessor até que em 1966 uma afasia o obrigou a um absoluto silêncio que aceitou com serena resignação.

Coad. Carlos Copelka

★ na Tchecoslováquia, † em Moravec (Moravia-Tchecoslováquia) a 17-6-1968 com 19 anos de profissão (faltam todos os outros dados biográficos).

Padre José Chelodi

★ em Bolzano (Itália) a 22-4-1888, † em Bendiktbeuern (Oberbayrn-Alemanha) a 19-12-1969 com 80 anos, 45 de profissão e 39 de sacerdócio.

Ao regressar da primeira guerra mundial pediu para ser aceito em nossa Congregação. Fêz o noviciado em Ensndorf, os estudos teológicos em Turim e trabalhou em várias Casas da Alemanha. Amado e estimado como confessor, soube cativar a amizade de todos os que o conheceram. Apreciavam nêle a bondade e a sólida piedade.

Padre Patricio Collins

★ em Moyone (Kerry-Irlanda) a 18-5-1916, † Dublin (Irlanda) a 27-3-1969 com 52 anos, 32 de profissão e 20 de Sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

O desaparecimento imprevisto dêste ótimo irmão, justamente quando estava no momento de maior rendimento apostólico com os seus belos dotes de mente e de coração, foi para a inspetoria uma perda muito dolorosa. Homem culto, simpático, sereno, conferencista de fama para o rádio e a TV, muito apreciado pelo governo irlandês como promotor das ciências agrícolas, foi estimado também pelos irmãos e pelos alunos aos quais tanto se dedicou.

Padre Paulo Calussi

★ em Casarca della Delizia (Udine-Itália) a 13-11-1878, † em Estoril (Portugal) a 18-2-1969 com 90 anos, 72 de profissão e 66 de sacerdócio. Foi Diretor por 13 anos.

Trabalhou por muitos anos em Portugal que amou como uma segunda pátria. Foi uma coluna da Obra Salesiana Portuguesa, pelo trabalho realizado e pelo exemplo da sua vida religiosa como trabalhador incansável, amante das Casas de formação, observante da Regra até nos mínimos particulares.

Padre Francisco Della Torre

★ em Pralboino (Brescia-Itália) a 22-6-1912, † em Milão (Itália) a 24-1-1969 com 56 anos, 39 de profissão e 28 de sacerdócio. Foi Diretor por 20 anos.

De inteligência viva, caráter sereno e cordial, alto e delicado sentir religioso, aberto às relações com os outros e aos problemas mais vivos do nosso tempo, principalmente no mundo dos jovens e dos operários, o Padre Della Torre ofereceu à Congregação com um amor sincero e total a Dom Bosco, uma dedicação genial e generosa às mais características obras do apostolado salesiano moderno.

A êle se deve a fundação das “Obras Sociais Dom Bosco” de Sesto San Giovanni (Milão) e a “Casa de reeducação” de Arese, querida pelo Cardeal Montini, que sempre a estimou junto ao seu Diretor, como expressão autêntica da educação salesiana. Últimamente foi diretor do pensionato para trabalhadores de Milão e diretor espiritual dos Universitários. Todos o amavam porque a todos êle amava: Faleceu após repetidos ataques do coração porque não quis renunciar ao seu trabalho entre os jovens.

Padre Oscar Egger

★ em Neu Ulm (Baviera-Alemanha) a 11-3-1886, † em Turim-Casa Generalícia a 11-4-1969 com 83 anos, 56 de profissão e 49 de sacerdócio.

Veio de sua querida Baviera para a Itália com 21 anos e ali ficou até à morte: desde 1919 a sua longa existência foi inteiramente consagrada ao ministério das almas na Paróquia de Maria Auxiliadora em Turim. O seu sacerdócio não conheceu repouso nem férias. Está pronto e à disposição a qualquer hora do dia e da noite. O seu confissionário era freqüentadíssimo pelos fiéis, pelos Salesianos e por sacerdotes seculares pela sabedoria, alto dom espiritual, simplicidade fervorosa da sua direção. Foi homem bom, humilde, cordial, incapaz de fazer o mal, que difundiu em tórno de si a luz benéfica da caridade sacerdotal.

Padre José Giovine

★ em Nizza Monferrato (Itália) a 9-2-1892, † em Alessandria (Itália) a 24-1-1969 com 76 anos, 58 de profissão e 49 de sacerdócio. Foi Diretor por um ano.

Transcorreu a sua vida salesiana primeiro em Borgo S. Martino, e, depois, desde 1933 em Alessandria. Alma simples, dos “fioretti”

salesianos, bom, benéfico, piedoso, zelosíssimo, sempre disponível para as confissões e para o conselho aos jovens, aos sacerdotes seculares e a pessoas de toda a condição social que de toda a parte dirigiam-se a êle. Cego e paralítico nos últimos anos, continuou a confessar e a receber numerosos visitantes. Todos o veneram como figura ideal de sacerdote que vive em uma contínua e generosa doação de si para o bem das almas.

Coad. José Holík

★ em Vieména (Moravia-Tchecoslováquia) a 17-11-1885, † em Moravec (Tchecoslováquia) a 2-8-1968 com 82 anos e 36 de profissão.

Padre Miguel Juhász

★ em Tardos (Hungria) a 19-6-1915, † em Szolnok (Hungria) a 8-3-1969 com 53 anos.

De ótima família que deu dois filhos a Deus na Sociedade salesiana. Salientou-se pela inteligência, bondade de coração, versatibilidade. Passou quase toda a vida sacerdotal em paróquias demonstrando-se pastor zeloso e empreendedor. O clero teve nêle um amigo sincero, sereno e válido sustentáculo; os fiéis, e principalmente a juventude, nêle encontram um pastor e mestre amoroso segundo o coração de Dom Bosco.

Padre José Krauter

★ em Homburg (Baviera-Alemanha) a 14-1-1905, † em Regensburg (Alemanha) a 27-2-1969 com 64 anos, 38 de profissão e 30 de sacerdócio.

Foi um sacerdote humilde e piedoso. Com seu caráter sempre alegre e bom sabia ganhar o afeto dos Irmãos e meninos. Como catequista dedicava-se muito às almas que lhe eram confiadas e para isto nenhum sacrifício lhe era demasiado. Seus últimos anos de vida foram marcados por doenças e dores que lhe prepararam o encontro com Deus.

Coad. João Kulikowski

★ em Pawlowcze (União Soviética) a 28-5-1913, † em Lodz (Polónia) a 18-2-1969 aos 55 anos, 31 de profissão.

Entrou na Congregação em idade madura. Exerceu várias incumbências, sempre feliz em ser útil de algum modo aos Irmãos. A sua caridade refulgiu plenamente como enfermeiro. Foi religioso fiel às práticas de piedade: distinguiu-se pela sua humildade e pelo grande amor à Congregação.

Padre Gerônimo Mapelli

★ em Arona (Novara-Itália) a 9-8-1905, † em Intra (Itália) a 28-1-1969 com 63 anos, 46 de profissão e 35 de sacerdócio.

Sacerdote aberto, vivo e simpático, trabalhava sempre com entusiasmo juvenil deixando em toda a parte grata e duradoura lembrança

de si pela sua laboriosidade generosa e incansável, pelo seu otimismo e pela sua cordialidade simples e sincera.

Os funerais foram uma clara demonstração do afeto e da estima de que gozava junto de seus ex-alunos e amigos.

Coad. Arlindo Marton

★ em Lorena (Brasil) a 18-2-1896, † a 18-2-1968 com 72 anos e 53 de profissão.

Entrou na Congregação muito jovem, foi professor de agricultura por muitos anos em Cachoeira do Campo (Minas Gerais). Depois regressou ao Estado de São Paulo e trabalhou em várias casas mostrando-se exemplar em todos os trabalhos, na vida humilde e pobre, na fidelidade às tradições salesianas.

Padre Edmundo Poli

★ em Marselha (França) a 19-2-1896, † em Lião (França) a 13-3-1969 com 73 anos, 46 de profissão e 39 de sacerdócio.

Entrou na Congregação já em idade avançada, depois de ter sido o amigo fiel de nosso Patronato S. José de Marselha. Passou 28 anos no apostolado do magistério. Foi um Irmão de grande humildade e de trato afável e cordial: transcorreu os últimos anos como confessor muito apreciado pelos jovens.

Padre Antonio Querol

★ em Saló (Barcelona-Espanha) a 12-1-1879, † em Barcelona (Espanha) a 31-3-1969 com 90 anos, 66 de profissão e 58 de sacerdócio.

Era o salesiano mais velho da Inspeção. Teve sempre grande amor às vocações, que cultivou com ação pessoal e depois despertando o interesse dos Cooperadores de quem foi encarregado em Barcelona, mantendo sempre, apesar da idade, um afetuoso contato com os meninos no páteo.

Padre Paulo Scelsi

★ em Collesano (Palermo-Itália) a 29-9-1873, † em Messina (Itália) a 1-2-1965 com 92 anos, 79 de profissão e 70 de sacerdócio. Foi Diretor por 21 anos.

Foi o segundo salesiano da Sicília e formou-se primeiro no colégio de Randazzo e depois sob a habilíssima direção de Padre Bonetti. Consagrou todos os anos de sua longa existência a ensinar, educar, inteiras gerações de jovens e de candidatos ao sacerdócio. Bom, douto e piedoso, sempre foi por todos estimado, procurado, considerado um santo. Suas características foram a doçura e a humildade.

Padre Adalberto Silar

★ em Cermná (Tchecoslováquia) a 3-1-1910, † em Praga (Tchecoslováquia) a 1-5-1965 com 55 anos de idade e 29 de profissão.

Padre Massimo Tognetti

★ em Vira Gambarogno (Ticino-Suíça) a 25-11-1883, † em Maroggia (Suíça) a 31-1-1969 com 85 anos, 63 de profissão e 51 de sacerdócio.

Foi missionário na Patagônia e no Rio Negro nos distantes tempos da epopéia salesiana missionária e o seu nome é lembrado com os de Cagliari, Fognano, Manachino e outros. Depois de 30 anos de trabalho indefeso, um esgotamento total o obrigou a uma mortificante inação por mais de 30 anos. Foi uma silenciosa imolação feita de oração e de amorosa conformidade à vontade de Deus. O seu lema habitual era: "Como Deus quiser".

Padre Domênico Viani (aliás Don Carlo Rivas)

★ em Morlupo (Roma-Itália) a 4-8-1911, † em Bogotá (Colômbia) a 19-2-1969 com 57 anos, 35 de profissão e 30 de sacerdócio. Foi Diretor por 15 anos.

Na Quarta-feira de Cinzas, após ter passado a manhã impondo as Cinzas aos fiéis e a confessar os meninos morreu trágicamente em um acidente de estrada. Os funerais foram um triunfo pela estima que havia sabido conquistar entre os salesianos, alunos, povo e autoridade. Fôra diretor e professor em várias casas de formação e seminários. Sua virtude característica foi a caridade para com todos, em tôdas as circunstâncias, sem reservas na doação de si mesmo e com cordialidade salesiana.

Padre João Vtipil

★ em Krouna (Boêmia-Tchecoslováquia) a 12-7-1901, † em Kardásova Recipe (Tchecoslováquia) a 4-8-1968 com 67 anos, 40 de profissão e 32 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Coad. Jorge Weeler

★ em Battersea (Londres-Inglaterra) a 13-3-1884, † em Cape Town (Sul da África) em 26-2-1969 com 84 anos e 37 de profissão.

Este ótimo coadjutor entrou na Congregação aos cinquenta anos, abandonando uma promissora carreira no mundo. Passou quase tôda a sua vida salesiana na livreria e na assistência aos jovens. Sempre fiel ao dever, deu um claro exemplo de trabalho santificado.

Padre Tito Zeman

★ em Vajnory (Bratislava-Tchecoslováquia) a 4-1-1915, † na mesma localidade e 8-1-1969, com 54 anos, 36 de profissão e 28 de sacerdócio.

Foi um salesiano entusiasta e corajoso, como demonstrou no zelo para salvar as vocações dos jovens salesianos em momentos muito difíceis. Foi vítima e mártir de suas atitudes, mas aceitou com alegria a sua morte. "Mesmo que viesse a perder a vida — dizia — não a considerarei desperdiçada sabendo que mesmo um só dos que ajudei tornou-se sacerdote no meu lugar".

2° Elenco 1969

N.	COGNOME E NOME	LUOGO DI NASCITA	DATA DI NASC. E MORTE		ETÀ	LUOGO DI M.	ISP.
62	Sac. AMATI Egisto	Monte Grimano (I)	5.1.1895	30.1.1969	74	Buenos Aires (RA)	BA
63	Coad. ČEPELKA Carlo	17.6.1968		Moravec (CS)	Bo
64	Sac. CHELODI Giuseppe	Bolzano (I)	22.4.1888	19.12.1968	80	Benediktbeuern (D)	Mü
65	Sac. COLLINS Patrizio	Moyoane (EIR)	18.5.1916	27.3.1969	52	Dublin (EIR)	Ig
66	Sac. COLUSSI Paolo	Casarsa della Delizia (I)	13.11.1878	18.2.1969	90	Estoril (P)	Pt
67	Sac. DELLA TORRE Franc.	Fralboino (I)	22.6.1912	24.1.1969	56	Milano (I)	Lo
68	Sac. EGGER Oscar	Neu Ulm (D)	11.3.1886	11.4.1969	83	Torino (I)	Cn
69	Sac. GIOVINE Giuseppe	Nizza Monferrato (I)	9.2.1892	24.1.1969	76	Alessandria (I)	No
70	Coad. HOLIK Giuseppe	Vieména (CS)	17.11.1885	2.8.1968	82	Moravec (CS)	Bo
71	Sac. JUHASZ Michele	Tardos (H)	19.6.1915	8.3.1969	53	Szolnok (U)	Un
72	Sac. KRAUTER Giuseppe	Homburg (D)	14.1.1905	27.2.1969	64	Regensburg (D)	Mü
73	Coad. KULIKOWSKI Giovanni	Pawlowicze (SU)	28.5.1913	18.2.1969	55	Lódz (PL)	Ló
74	Sac. MAPELLI Girolamo	Arona (I)	9.8.1905	28.1.1969	63	Intra (I)	No
75	Coad. MARTON Arlindo	...	18.2.1896	18.12.1968	72	Lorena (BR)	SP
76	Sac. POLI Edmondo	Marseille (F)	19.2.1896	13.3.1969	73	Lyon (F)	Ly
77	Sac. QUEROL Antonio	Saló (E)	12.1.1879	31.3.1969	90	Barcelona (E)	Bn
78	Sac. SCELLSI Paolo	Collesano (I)	29.9.1873	1.2.1969	95	Messina (I)	Sc
79	Coad. ŠILAR Adalberto	Čermná (CS)	3.1.1910	1.5.1965	55	Praga (CS)	Bo
80	Sac. TOGNETTI Massimo	Vira Gambarogno (CH)	25.11.1883	31.1.1969	85	Maroggia (CH)	No
81	Sac. VIANI Domenico	Morlupo (I)	4.8.1911	19.2.1969	57	Bogotá (CO)	Bg
82	Sac. VTÍPIL Giovanni	Krouna (CS)	12.7.1901	4.8.1968	67	Karlašova Rečice (CS)	Bó
83	Coad. WHEELER Giorgio	Battersea (GB)	13.3.1884	26.2.1969	84	Cape Town (ZA)	Ig
84	Sac. ZEMAN Tito	Vajnory (CS)	4.1.1915	8.1.1969	54	Vajnory (CS)	Sl

ELENCO DO MATERIAL SALESIANO À DISPOSIÇÃO JUNTO DA SECRETARIA GERAL

Para atender aos pedidos que nos chegam das Casas relacionamos o elenco das várias obras de interesse salesiano e que estão à disposição junto da Secretaria Geral.

É oportuno que os Diretores, principalmente das casas fundadas recentemente, verifiquem se na Biblioteca comum ou nos Arquivos se encontram as obras referentes à história e à espiritualidade da Congregação para que todos os Irmãos tenham facilidade de consultá-las.

MEMORIE BIOGRAFICHE DI S. GIOVANNI BOSCO (20 volumes).
Em brochura e encadernadas.

EPISTOLARIO DI S. GIOVANNI BOSCO (4 volumes)

CIRCOLARI DEL VEN. D. RUA

CIRCOLARI DI D. PAOLO ALBERA

ATTI DEL CAPITULO SUPERIORE (CONSIGLIO SUPERIORE)

N. B.: A coleção inicia-se em 1920: alguns números estão esgotados.

D. LUIGI RICCERI, Lettera sul dialogo

D. LUIGI RICCERI, Lettera sulla povertà

LETTERA CIRCOLARE DELL'ECONOMO GENERALE (ed. 1966)

MANUALE DEL SECRETARIO ISPETORIALE

COSTITUZIONI E REGOLAMENTI DELLA SOCIETA SALESIANA
(ed. 1966)

REGOLAMENTO PER I GIOVANI DEGLI ISTITUTI SALESIANI
(ed. 1967)

NECROLOGIO SALESIANO (Supplemento dal 1950 al 1966)

INDIRIZZI DELLE CASE SALESIANE

ELENCHI GENERALI DELLA SOCIETA DI S. FRANCISCO DI SALES
(dal 1870 — alguns volumes estão esgotados).

BOLLETTINO SALESIANO (Anos atrasados)

S. GIOVANNI BOSCO, Memorie dell'Oratorio de S. Francesco di Sales
(Ed. SEI)

D. ALBERTO CAVIGLIA, Don Bosco: Opere e scritti editi e inediti
(ed. SEI)

D. EUGENIO CERIA, Annali della Società Salesiana (4 volumes),
(Ed. SEI)

D. BOSCO NEL MONDO (ed. LDC)

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Moóca, 766 (Moóca)
Fone: 33-5459 — P. A. B. X
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO